Programação e Caderno de Resumos

II Simpósio sobre Vogais

Promoção:
Projeto de Descrição Sócio-Histórica das Vogais do Português
Programa de Pós-Graduação Em Estudos Lingüísticos - FALE/UFMG

Apoio:

CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico · CAPES · Ministério da Educação · Ministério da Ciência e Tecnologia · BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Prof. Dr. Seung-Hwa Lee (UFMG) - Coordenador do II Sis-Vogais
Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira (PUCMG)
Prof. Dr. José Olímpio Magalhães (UFMG)
Prof. Dr. Rui Rothe-Neves (UFMG)
Profa. Dra. Maria do Carmo Viegas (UFMG)

INFORMAÇÕES:

Laboratório de Fonética – Labfon
Faculdade de Letras - Universidade Federal de Minas Gerais
Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 Campus Pampulha - CEP: 31270-901
Belo Horizonte - MG - Brasil
Tel: +55 31 3409-5152

http://relin.letras.ufmg.br/probravo e-mail: probravo@gmail.com

Apoio: LABFON/POSLIN/CENEX-FALE/FALE-UFMG/UFMG/CNPq

PROGRAMAÇÃO GERAL

21 DE MAIO DE 2009

Local: Auditório 1007 – FALE

07:40 – 08:00	Abertura	
08:00 – 09:00	Conferência	
Leo Wetzels	Free University of Amsterdam	O Português Brasileiro, cinco ou sete vogais contrastivas?
Sessão 1: Teorias Fonológicas (Coordenador: Prof. José S. Magalhães)		
09:00 – 10:25	Mesa-Redonda	
Leda Bisol	PUCRS	Ditongos derivados: um adendo
José Sueli de Magalhães	UFU	Sobre o tratamento teórico dado às vogais pretônicas: Fidelidade Posicional
Maria Filomena Spatti Sandalo Maria Bernadete Marques Abaurre	UNICAMP	Harmonia vocálica e modelos de representação de segmentos
10:25 – 10:50	*Coffee Break*	
10:50 – 11:15	Comunicação	
Gisela Collischonn	UFRGS	Sândi vocálico no português brasileiro: uma aplicação para o Serialismo Harmônico (McCarthy,2008)?
11:15 – 11:40	Comunicação	
Seung-Hwa Lee	UFMG	Variação Fonológica e Contraste no sistema vocálico do PB
11:40 – 12:05	Comunicação	
Juliana Simões Fonte	UNESP – Araraquara	A História das Vogais Portuguesas: do Latim ao Português Brasileiro Atual, com Especial Destaque para o Português Arcaico
12:05 – 14:00	Almoço	
Sessão 2: Variação 1(Coordenadora: Profa. Maria do Carmo Viegas)		
14:00 – 15:30	Mesa-Redonda	
Maria do Carmo Viegas	UFMG	VARFON/Minas - variação fonético-fonológica em Minas Gerais: Vogais pré-tônicas
Regina Cruz Orlando Cassique Doriedson Rodrigues	UFPA	Alteamento vocálico das médias pretônicas no português falado na Amazônia Paraense
Luiz Carlos Schwindt Taís Bopp da Silva	UFRGS	Redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do sul do Brasil

15:30 – 16:00	*Coffee Break*	
Sessão 3: Variação 2 (Coordenador: Prof. Dermeval da Hora)		
16:00 – 16:25	Comunicação	
Alan Jardel de Oliveira	UFMG	Variação na sílaba postônica final no falar mineiro
16:25 – 16:50	Comunicação	
Raquel Maria da Silva Costa	UFPA	O alteamento das vogais médias postônicas não-finais /o/ e /e/ no português falado no município de Cametá – PA
16:50 – 17:15	Comunicação	
Danielle Kely Gomes	UFRJ	O apagamento das vogais átonas não-finais na fala do Rio de Janeiro – uma investigação Geo-Sociolinguística
Sessão 4: Filologia (Coordenador: Prof. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida)		
17:15 – 18:45	Mesa-Redonda	
Célia Marques Telles	UFBA	As vogais nasais no século XVI: Descrição e Grafia
Odete Pereira da Silva Menon	UFPR	Filtro fonológico?
Manoel Mourivaldo Santiago Almeida	USP	Vogais tônicas nasais na variedade cuiabana

Sessão de Pôsteres 1		
12:05 – 14:00		
Aline Rabelo Assis Célio Zuppo Júnior	UFMG	Apagamento de vogais pretônicas no POBH – Norma culta
Barbara Marra de Andrade Aline Domingues Naiara Costa Erika Parlato-Oliveira Thais Cristofaro Silva	UFMG	Incidência da ocorrência do alçamento em produções gráficas de estudantes de Belo Horizonte

22 DE MAIO DE 2009

Local: Auditório 1007-FALE 08:00 – 12:05
Auditório 2001-FALE 12:05 – 18:40

Sessão 5: Variação 3 (Coordenador: Prof. Luiz Carlos Schwindt)		
08:25 – 08:50	Comunicação	
Márcia Cristina do Carmo	UNESP-SJRP	A harmonização vocálica nas vogais médias pretônicas dos verbos na variedade do interior paulista
08:50 – 09:15	Comunicação	
Amanda Felicori de Carvalho Maria do Carmo Viegas	UFMG	Variação das vogais médias pretônicas no falar de Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente
09:15 – 09:40	Comunicação	
Patrícia Goulart Tondineli	PUCMG	A variação fonética das vogais médias pré e postônicas no léxico de Montes Claros/MG
09:40 – 10:05	Comunicação	
Marlúcia Maria Alves	UFU	Estudo das vogais médias pretônicas nos nomes no dialeto de Belo Horizonte conforme a Teoria da Otimalidade
10:05 – 10:25	*Coffee Break*	
Sessão 6: Análise Acústica (Coordenadora: Profa. Regina Cruz)		
10:25 – 10:50	Comunicação	
Alessandra de Paula	UFRJ	Análise acústica das vogais médias postônicas não finais: alteamento e velocidade de fala
10:50 – 11:15	Comunicação	
Vera Pacheco Luiz Carlos da Silva Souza Francisco de Oliveira Meneses	UESB	Duração vocálica X consoante adjacente e estrutura silábica: avaliação instrumental
11:15 – 11:40	Comunicação	
Luana Machado	UFRJ	As vogais pretônicas [-bx] no dialeto carioca: uma análise acústica
11:40 – 12:05	Comunicação	
José Olímpio de Magalhães Aline Rabelo Assis	UFMG	Vogais átonas passíveis de apagamento no português
12:05 – 14:00	Almoço	

Sessão 7: Aquisição 1 (Coordenadora: Profa Luciani Tenani)		
14:00 – 15:50	Mesa-Redonda	
Ana Ruth Moresco Miranda	UFPel	As vogais pretônicas do Português na aquisição da escrita
Luciani Ester Tenani	UNESP-SJRP	A grafia das vogais pretônicas de nomes e verbos: análise de textos de alunos de quinta série do Ensino Fundamental
Carmen Lúcia Barreto Matzenauer	UCPEL	Aquisição das vogais do PB e tipologia de línguas
Giovana Ferreira Gonçalves Mirian Rose Brum de Paula	Universidade Federal de Santa Maria	Aquisição das vogais: caminhos da L1 e da L2
15:50 – 16:10	*Coffee Break*	
Sessão 8: Aquisição 2 (Coordenadora: Profa Ana Ruth Miranda)		
16:10 – 16:35	Comunicação	
Cíntia da Costa Alcântara	UFPel	Sobre a Vogal Final /o/ na Aquisição do PB como Língua Materna
16:35 – 17:00	Comunicação	
Ubiratã Kickhöfel Alves	UCPEL	A epêntese vocálica na aquisição de plosivas finais do inglês (L2): Tratamento pela OT estocástica e pela Gramática Harmônica
17:00 – 17:25	Comunicação	
Carolina Reis Monteiro Ana Ruth Moresco Miranda	UFPel	Aquisição ortográfica das vogais do português
Sessão 9: Variação 4 (Coordenador: Prof. Dermeval da Hora)		
17:25 – 17:50	Comunicação	
Erika Parlato de Oliveira Emmanuel Dupoux	UFMG LSCP ENS – França	Análise da plasticidade do fenômeno de epêntese perceptual em sujeitos Monolíngües
17:50 – 18:15	Comunicação	
Melina Rezende Dias	Colégio Santa Marcelina	Um estudo da abertura e do alçamento de /e/ e /o/ no falar dos mineiros de Piranga e Ouro Branco

Sessão de Pôsteres 2		
12:05 – 14:00		
Amana Maris Ribeiro Greco	UFMG	Alçamento vocálico na escrita e oralidade infantil
Rui Rothe-Neves	UFMG	Formantes vocálicos do PB a partir da percepção da fala: uma meta-análise

23 DE MAIO DE 2009

Local: Auditório 1007 – FALE

Sessão 10: Variação 5 (Coordenadora: Profa Maria do Carmo Viegas)		
08:00 – 08:25	Comunicação	
Priscilla Pereira Vieira da Costa Garcia	UFBA	A variação vocálica em posição tônica em nomes femininos
08:25 – 08:50	Comunicação	
Idalena Oliveira Chaves	UFMG	Variação sonora na realização das vogais pretônicas /e/ e /o/ no dialeto de Paracatu-MG
08:50 – 09:15	Comunicação	
Maria do Carmo Sá Teles de Araujo Rolo	UFBA	Apócope dos fonemas átonos finais /i/ e /u/ na localidade de Beco, Seabra/BA
09:15 – 09:40	Comunicação	
Doriedson do Socorro Rodrigues	UFPA	A nasalização vocálica pretônica por efeito da consoante nasal da sílaba seguinte: a variação no português falado em Cametá – Pará.
09:40 – 10:05	Comunicação	
Juliana Ludwig Gayer	UFRG	Sândi no contexto a#a: elisão ou degeminação?
10:50 – 11:15	Comunicação	
Thaïs Cristófaro Silva Carlo Sandro Campos	UFMG	Variação fonológica em verbos com terminações em –ear (chatear) e –iar (variar)
11:15 – 11:30	*Coffee Break*	
11:30 – 12:30	Conferência 2	
Gregory Guy	New York University	As vogais: perspectivas analíticas e teóricas
12:30	Encerramento	

RESUMOS

08:00 – 09:00	Conferência 1

O PORTUGUÊS BRASILEIRO, CINCO OU SETE VOGAIS CONTRASTIVAS?

Leo Wetzels
(Free University of Amsterdam)

Nesta palestra discutiremos os processos de neutralização das vogais medias nas posições acentuadas e não-acentuadas (pre- e postônicas) e tentaremos de estabelecer a carga funcional da oposição entre vogais medias altas e baixas no dialeto do sul do Português do Brasil.

Sessão 1: Teorias Fonológicas

DITONGOS DERIVADOS: UM ADENDO

Leda Bisol
(PUCRS/CNPq)

Em (1994), fizemos distinção entre ditongos verdadeiros que correspondem a duas vogais na subjacência, como *lei* e *pauta* e ditongo derivados que, correspondendo a uma só vogal, emergem na superfície como em *caixa ~caxa*, *beijo~bejo*.

Guiados pela hipótese de que esse ditongo pode ser formado por expansão de um traço da consoante seguinte, no caso citado pela expansão do traço alto da palatal, aqui nos detemos no ditongo flutuante diante de tepe, vibrante simples, *feira~fera, cordeiro~cordero*, atribuindo a criação do glide à expansão do traço vocálico desse segmento. O texto se detém anos traços fonéticos do tepe e nas evidências que mostram suas semelhanças com a vogal alta.

SOBRE O TRATAMENTO TEÓRICO DADO ÀS VOGAIS PRETÔNICAS: FIDELIDADE POSICIONAL

José Sueli de Magalhães
(Universidade Federal de Uberlândia)

O propósito desta comunicação é levantar algumas questões acerca do tratamento teórico dado às vogais médias pretônicas com base na Teoria da Otimidade, especialmente no que respeita ao processo de neutralização. Colocaremos em debate três situações: a primeira evoca a validação das restrições *ɛ/ɔ e *e/o, como apresentado em Lee (2006); a segunda retoma o uso de duas restrições de Fidelidade Posicional, nos moldes propostos por Beckman (1998) e McCarthy (1999), utilizadas em Bisol e Magalhães (2004): IDENT-STRESS(HEIGHT) e IDENT-STRESS(ATR). A terceira situação, em favor da qual procuraremos argumentar, remete ao

tratamento da neutralização das vogais médias em posição pretônica, chamando por uma restrição que opere com o objetivo de manter ou excluir as vogais com o traço ATR nesta posição: IDENT-PRESTRESS(ATR). Feito isso, procuraremos, ainda com base na Fidelidade Posicional, diferenciar o inventário de vogais do Português Brasileiro, compreendido, aqui, como dotado de três subsistemas – tônico, pretônico e postônico – de inventários como o Catalão, ou do Luiseño, cujos sistemas reduzem-se de 7 vogais tônicas para 5 átonas e de 5 vogais tônicas para 3 átonas, respectivamente.

Referências

BECKMAN, Jill. *Positional Faithfulness*. Doctoral dissertation, University of Massachusetts, Amherst. 1997.

BISOL, L. e MAGALHÃES, J. S. de. "A redução vocálica no Português Brasileiro: avaliação via restrições". *Revista da ABRALIN*, vol. III, nos. 1 e 2, p. 195-216, 2004.

CÂMARA Jr, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes. 1970.

LEE, S. H. "Sobre as vogais pretônicas no Português Brasileiro". *Estudos Linguísticos XXXV*, p. 166-175, 2006.

MCCARTHY, J. *Introductory OT on CD-ROM*. Version 1.0. GLSA. Amherst. 1999.

HARMONIA VOCÁLICA E MODELOS DE REPRESENTAÇÃO DE SEGMENTOS

Maria Bernadete Abaurre
(UNICAMP – CNPq)
Filomena Sandalo
(UNICAMP – CNPq)

Em Abaurre & Sandalo (2007, 2008, 2009), para discutir representação de segmentos, assumimos visões geométricas, seja Clements & Hume (1995) em Abaurre & Sandalo (2007), seja Halle (1992, 1995) em Abaurre & Sandalo (2008, 2009). A questão de qual geometria assumir como mais adequada explanatoriamente não chegou a ser debatida nesses trabalhos, uma vez que ambas foram utilizadas meramente para discutir propostas relativas à subespecificação de segmentos. A geometria dos traços tem sido defendida porque nunca se atestou em nenhuma língua um processo fonológico reunindo todos os segmentos que contam com traços como [-vozeado, -posterior] como uma classe natural. No entanto, é muito freqüente a ocorrência de processos fonológicos reunindo traços de ponto de articulação, por exemplo. Fatos como este são tomados como evidência em favor de que os traços sejam organizados em uma hierarquia. Desde 1985 várias propostas foram oferecidas para representar uma organização hierárquica de traços. Entretanto, duas décadas de estudo já mostraram ser impossível chegar a um consenso sobre uma hierarquia estrutural suficiente e universal para a organização dos traços (McCarthy 1988, Kenstowicz 1994). Além disso, um dos pressupostos principais da geometria, o de que nódulos (e não traços individuais) se espalham, mostrou-se insustentável dado o fato de existir espalhamento parcial de traços supostamente contidos em um único nódulo (Padget 2002, Halle 1995). Padgett (2002) argumenta contra a existência de uma geometria de traços e propõe que traços funcionem em classes agrupadas através da aplicação de restrições de identidade violáveis gradientemente.

Nevins (2009) propõe um outro tipo de abordagem para harmonia vocálica. Investigando harmonia vocálica em várias línguas, o autor aponta para o fato de que um modelo baseado em geometria (*sharing-by-spreading*) é muito restritivo porque não prevê

padrões de harmonia vocálicas existentes nas línguas, enquanto um modelo baseado em otimalidade e restrições de identidade (*declative identity-enforcement*) é muito permissivo por permitir padrões de harmonia que não existem.

Neste trabalho revisitaremos os dados de harmonia vocálica no PB discutidos em Abaurre & Sandalo (2008 e 2009), verificando se é possível manter um modelo geométrico para harmonia, ou se os fatos seriam mais adequadamente explicados com base em um modelo como o proposto por Nevins (*Search-and-Copy* model), que não prevê uma hierarquia para traços e assume um paralelismo com a sintaxe minimalista de sistemas *Agree* (Chomsky 2000).

SÂNDI VOCÁLICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA APLICAÇÃO PARA O SERIALISMO HARMÔNICO (MCCARTHY, 2008)?

Gisela Collischonn
UFRGS

A análise do sândi no português brasileiro revela uma relação intrincada entre qualidade e localização da vogal e acento. Em nosso trabalho, partimos do levantamento realizado por Gayer (2008) para os fenômenos de sândi vocálico em São Borja (RS) e consideramos em específico os casos de ditongação (que incluem tanto a formação de ditongo crescente, *cinco anos* $/o_1\#a_2/ \rightarrow [w_1 a_2]$, quanto de ditongo decrescente, *perdi o* $/i_1\#o_2/ \rightarrow [i_1\ w_2]$. Em geral, vogais com acento primário tendem a ser preservadas (por 'preservada' entendemos uma vogal que não é nem apagada nem reduzida a *glide*). Além disso, vogais com maior proeminência intrínseca tendem a ser preservadas. Finalmente, vogais em início de palavra prosódica tendem a ser preservadas. Os exemplos a seguir ilustram essas observações:

Vogal tônica é preservada
perdi o $/i_1\#o_2/ \rightarrow [i_1\ w_2]$
tu esperas $/u_1\#e_2/ \rightarrow [u_1\ j_2]$
digo isso $/i_1\#o_2/ \rightarrow [w_1\ i_2]$

Vogal com maior proeminência intrínseca é preservada
aqui era $/i_1\#\varepsilon_2/ \rightarrow [j_1\ \varepsilon_2]$ V'#V[+baixa]
tu apartar $/u_1\#a_2/ \rightarrow [w_1\ a_2]$ V'#V[+baixa]

Vogal em início de ω é preservada
e usei $/e_1\#u_2/ \rightarrow [j_1\ u_2]$
o Ortiz $/o_1\#o_2/ \rightarrow [w_1\ o_2]$

Estas tendências contraditórias em jogo caracterizam-se melhor através de restrições violáveis, em modelos orientados para o output, do que por regras, em modelos orientados para o input. Entretanto, uma das questões que surgem imediatamente é como explicar a relação de precedência entre acento e sândi. Se tanto o acento quanto o sândi são determinados por restrições que são avaliadas concomitantemente, como explicar que o acento nunca é determinado pelo sândi? A solução é tratar o problema através de uma abordagem derivacional da OT. Para dar conta de síncope condicionada pelo acento, para a qual ocorre o mesmo problema mencionado acima, McCarthy (2008) propõe uma versão derivacional de OT, o Serialismo Harmônico, pela qual, as formas de output são produzidas

por GEN de forma gradual, estando cada etapa derivacional sujeita à avaliação por EVAL. Ao lado disso, o acento tem precedência intrínseca sobre o sândi porque a estrutura métrica é determinada por restrições de tipo *top-down*, tais como Exaustividade (cf.Selkirk, 1995) e não restrições *bottom-up* do tipo Parseσ. A nossa análise considera esta proposta, verificando se ela dá conta da interação entre sândi vocálico e acento em português.

VARIAÇÃO FONOLÓGICA E CONTRASTE NO SISTEMA VOCÁLICO DO PB

Seung Hwa LEE
(UFMG/CNPq)

O sistema vocálico do PB apresenta o contraste de 7 vogais {a, ɛ, e, i, o, ɔ, u} na posição tônica da palavra. Este contraste flutua nas sílabas pré-tônicas e sílabas pós-tônicas na posição não-final da palavra – as vogais médias podem flutuar em relação ao traço [ATR] e ao traço [High] na sua produção – {a, ɛ ~ e ~ i, i, o ~ ɔ ~ u, u}. Por último, nas sílabas pós-tônicas na posição final da palavra ocorrem somente 3 vogais – {a, i, u}.

A flutuação das vogais médias na posição pretônica é determinada por processos fonológicos como Harmonia vocálica (HV) de [ATR] e [High], Neutralização vocálica (NV) e Redução vocálica (RV) (cf. Lee (2002, 2005, 2006), Lee& Oliveira (2003, 2006), Oliveira & Lee (2006)). Em outras palavras, a qualidade vocálica de uma realização fonética sofre o problema de conspiração.

Lee& Oliveira (2003, 2006), além disso, mostram que a variação/flutuação é mínima na variação intradialetal e o falante nativo do PB mistura/escolhe os processos fonológicos para obter a realização fonética correta. Por outro lado, ele não apresenta problemas para entender/perceber a flutuação das vogais médias realizadas por outros falantes.

Este trabalho discute/levanta principalmente os problemas envolvidos com a flutuação das vogais médias no PB na perspectiva da Teoria da Hierarquia (Contrastiva) de traços (cf. Dresher (2003 a, b, c,), Clements (2003, 2005, 2006)) e da Teoria da Otimalidade (Prince & Smolensky, 1993, McCarthy & Prince, 1995): como o falante nativo resolve o problema de conspiração? e qual é o estatuto da conspiração na teoria fonológica, levando-se em conta a variação intra- e inter-dialetal? Qual é a representação subjacente das vogais médias que apresentam a flutuação?

Clements N. Feature Economy in Sound Systems Phonology 20.3, pp. 287-333. 2003

Clements, N. The Role of Features in Phonological Inventories, Journée "Les géometries de traits/feature geometries", Université de Paris 8 et Fédération TUL, le 3 décembre 2005

Clements, N. Feature organization in Keith Brown (ed.), The Encyclopedia of Language and Linguistics, 2e édition. Vol. 4, 433-441. Oxford: Elsevier Limited. 2006

Dresher, Elan. "The Contrastive Hierarchy in Phonology," in Daniel Currie Hall, ed., Toronto Working Papers in Linguistics (Special Issue on Contrast in Phonology), 20, 2003a.

Dresher, B. Elan. Contrast and asymmetries in inventories. In Asymmetry in Grammar, ed. Anna-Maria di Sciullo. Amsterdam: John Benjamins. 2003b.

Dresher, Elan."On the Acquisition of Phonological Contrasts," to appear in the *Proceedings of GALA 2003c*.

McCarthy, J. & A. Prince 1995. Faithfulness and reduplicative identity in Prosodic Morphology. in Beckman, Dickey & Urbanczyk, eds., Papers in Optimality Theory. Amherst, MA: GLSA. pp. 249-384.

Prince, A. & P. Smolensky. (1993) Optimality Theory: constraints Interaction in Generative Grammar. Report No. RuCCS-TR-54, New Burnswick, NJ: Rutgers University Center for Cognitive Science.

shlee@letras.ufmg.br

A HISTÓRIA DAS VOGAIS PORTUGUESAS: DO LATIM AO PORTUGUÊS BRASILEIRO ATUAL, COM ESPECIAL DASTAQUE PARA O PORTUGUÊS ARCAICO

Juliana Simões FONTE
(UNESP/FCL – Araraquara)

O objetivo deste trabalho é estudar as qualidades vocálicas do Português Arcaico (século XIII), através da consideração das rimas possíveis nas *Cantigas de Santa Maria* (CSM) de Afonso X.

Só é possível desenvolver um estudo como o que se pretende a partir da análise de textos poéticos, uma vez que a consideração da rima poética fornece pistas importantes a respeito das qualidades vocálicas vigentes em um momento passado da língua, do qual não há registros orais, já que não havia tecnologia disponível para a gravação da fala.

Betti (1997) fez um levantamento de todas as rimas possíveis nas 420 *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X. Desta forma, esta pesquisa partirá das informações contidas no *Lessico in Rima* proposto por essa autora, mapeando todas as vogais possíveis nas posições tônica e átona. Levar-se-á em consideração o fato de que é preciso analisar as possibilidades e impossibilidades de rima de vogais representadas por uma mesma letra para se chegar ao sistema vocálico da língua, uma vez que nem sempre vogais representadas pelo mesmo grafema referem-se ao mesmo som (exemplo: a impossibilidade de rima entre *comeu* e *meu*, nas cantigas profanas).

Para as vogais pretônicas, far-se-á um estudo baseado na variação gráfica, a partir das informações contidas em um glossário, organizado por Walter Mettmann (1972), no qual estão registrados todos os termos, e suas variantes, presentes nas *Cantigas de Santa Maria*.

Também serão consultados trabalhos que forneçam informações a respeito da história das vogais portuguesas - desde os trabalhos mais tradicionais de Michaëlis de Vasconcelos, José Leite de Vasconcellos e Edwin Williams, até os trabalhos mais recentes, como os de Mattos e Silva, passando por filólogos brasileiros como Silva Neto, Cunha, Silveira Bueno, e portugueses, como Rodrigues Lapa e Clarinda Maia, além de lingüistas como Câmara Jr. Em seguida, será proposto um quadro das vogais do Português na época dos trovadores.

A partir deste trabalho, será possível verificar, a partir de um estudo baseado na rima das cantigas medievais religiosas, como se estruturavam as vogais, em posição tônica, na época dos trovadores, e quais foram as transformações ocorridas na passagem do latim para o Português Arcaico e, deste, para o Português Brasileiro atual.

BIBLIOGRAFIA

BETTI, M. P. *Rimario e lessico in rima delle* Cantigas de Santa Maria *di Alfonso X di Castiglia*. Pisa: Pacini Editore, 1997.

BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, vol. 5, nº 2 (1989), pp.185-224.

BISOL, L. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.*, vol. 10, nº especial (1994), pp. 123-140.

BISOL, L. (org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4ª edição revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BUENO, F. da S. *Estudos de Filologia Portuguesa*. 6ª edição. São Paulo: Saraiva, 1967.

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica:* introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: edição do autor, 1997.

CAGLIARI, L. C. *Fonologia do português:* Análise pela Geometria de Traços e pela Fonologia Lexical. Campinas: edição do autor, 1999.

CÂMARA JR., J. M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Padrão, 1979. (1ª edição brasileira: 1975)

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. In: *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2007. (1ª edição: 1970)

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CUNHA, C. F. da. *Estudos de Versificação Portuguesa (séculos XIII a XVI)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1982.

GONÇALVES, E.; RAMOS, M. A. *A Lírica galego-portuguesa:* textos escolhidos. 2.ed. Lisboa: Editorial Comunicação, 1985.

MATEUS, M. H.; D'ANDRADE, E. *The phonology of portuguese.* Oxford: Oxford University, 2000.

METTMANN, W. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade, 1972. v. IV: Glossário.

LAPA, R. M. *Lições de literatura portuguesa:* época medieval. 6.ed. Coimbra: Limitada, 1966.

MAIA, C. *História do galego-português*. 2. ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1997. Reimpressão da edição do INIC, 1986.

MATTOS E SILVA, R. V. *O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. *Lições de filologia portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13)* seguidas das *lições práticas de português arcaico*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, [19--]. Referido como 1912-1913.

NARO, A. J. *Estudos diacrônicos*. Petrópolis: Vozes, 1973.

NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa:* fonética e morfologia. 6ª edição. Lisboa: Livraria Clássica, 1960.

SILVA NETO, S. da. *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português:* roteiro de estudo e guia de exercícios. SP: Contexto, 2001.

SILVA NETO, S. da. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

VASCONCELLOS, J. L. de. *Lições de filologia portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1959.

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português:* fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1975.

E-mail: jujufonte@yahoo.com.br
Apoio: FAPESP

Sessão 2: Variação 1

VARFON/MINAS - VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA EM MINAS GERAIS: VOGAIS PRÉ-TÔNICAS

Maria do Carmo Viegas
(UFMG)

Adotando-se o modelo teórico-metodológico variacionista no estudo das vogais pré-tônicas, podemos dizer que, para o alçamento ou elevação das médias no português do Brasil (PB), uma descrição possível seria se considerarem dois os fenômenos: para o /e/, um processo variável de harmonia vocálica favorecido pela vogal alta seguinte e um processo variável, para o /e/ e para o /o/, de redução vocálica devido à assimilação favorecido pelas consoantes altas adjacentes e, no caso do /o/, também favorecido pelas labiais. Ambos os processos com atuação lexical.

No português do Brasil, a abertura das vogais pré-tônicas caracteriza diferenças marcantes nos falares e apresenta, em algumas variedades, um fenômeno não generalizado para o português europeu: a abertura da vogal em contextos de vogal alta seguinte. Observa-se hoje uma distinção na implementação dos processos fonético-fonológicos: em Portugal as vogais átonas subiram e se reduziram mais sistematicamente; no Brasil só as vogais pós-tônicas sobem e se reduzem mais sistematicamente na maioria dos falares.

Não há indícios de progressão do alçamento pré-tônico na região de Belo Horizonte-MG, nem em vários falares estudados no Brasil. Por outro lado, há indícios de as vogais abertas estarem em progressão no falar de Nova Venécia-ES, em que os jovens favorecem o processo de abertura das vogais (Celia, 2004). Também há indícios de que isso esteja ocorrendo em Belo Horizonte (Viegas e Felicori, inédito). Se assim o for, poderíamos dizer que as vogais pré-tônicas estão, *em algumas circunstâncias*, aumentando a sua duração, e não reduzindo, já que as vogais abertas têm, em geral, maior duração que as médias e altas correspondentes (Teixeira et alii, 2004, dentre outros).

Uma das questões que direcionam essa pesquisa é: Quais são os fatores favorecedores da abertura das vogais pré-tônicas nos falares mineiros?

No PB, e em especial em Minas Gerais, as vogais apresentam bastante variação em posição pré-tônica. Foram identificados percentuais diferenciados dos processos de harmonia vocálica, redução e abaixamento nos, aproximadamente, 22.000 dados coletados nos municípios de Ouro Branco, zona central do Estado de Minas Gerais (Dias, 2008); Piranga, zona da Mata mineira (Dias, 2008); e Machacalis, vale do Mucuri em Minas Gerais (Almeida, 2008). Em Viegas e Lee (2008) faz-se a descrição de uma possível hierarquização dos processos fonológicos envolvidos nas formas variantes nas diversas áreas. Proponho aqui uma interpretação dessa hierarquização.

ALTEAMENTO VOCÁLICO DAS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS FALADO NA AMAZÔNIA PARAENSE.

Regina Cruz (UFPA / CNPq)
Orlando Cassique (UFPA)
Doriedson Rodrigues (UFPA)
Benedita Campos (SEDUC-PA)
Marivana Araújo (SEDUC-PA)
Marcelo Dias (SEDUC-PA)
Daniele Oliveira (CML/UFPA)
Carmen Marques (SEMEC – Breu Branco/PA)

O presente estudo de caráter comparativo tem como objetivo principal fornecer um panorama do fenômeno de alteamento das vogais médias pretônicas no português falado na Amazônia paraense. Para tal confrontam-se os resultados obtidos por Campos (2008) para o português falado no município de Mocajuba, por Rodrigues & Araújo (2007) para a variedade lingüística de Cametá, por Dias *et al* (2007) e por Oliveira (2007) para a zona rural e urbana, respectivamente, do município de Breves no Marajó, por Cruz *et al* (2008) para o português falado nas ilhas de Belém e, por Marques (2008) para o português falado no município de Breu Branco. Estes estudos possuem em comum o fato de: a) estudarem o fenômeno do alteamento em falares de municípios paraenses; b) serem estudos de caráter variacionista conduzidos em consonância com a metodologia do Projeto Nacional de *Descrição Sócio-Histórica das Vogais do Português (do Brasil)* e; c) serem seus autores todos membros da equipe Norte do PROBRAVO. Todos os resultados sobre as variedades do português da Amazônia paraense: i) apontam para uma tendência dessas variedades de preferência pela preservação das médias pretônicas em detrimento do alteamento; ii) confirmam que quando ocorre o alteamento das vogais médias pretônicas nas variedades em questão, o mesmo se dá motivado por uma clara harmonização vocálica, principalmente condicionada pela vogal da sílaba tônica e pela sílaba imediata.

Palavras-Chave: alteameno, variação vocálica, vogais médias, português brasileiro, Amazônia paraense.

Referências Bibliográficas

CAMPOS, Benedita M. do S. Pinto. *Alteamento vocálico em posição pretônica no português falado no Município de Mocajuba-Pará*. 2008. Dissertação (Curso de Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém: UFPA.

CRUZ, Regina; CASSIQUE, Orlando; RODRIGUES, Doriedson & DIAS, Marcelo Pires. "As Vogais Médias Pretônicas no Português Falado nas Ilhas de Belém (PA), in Maria do Socorro Silva de ARAGÃO (Org.). *Estudos em fonética e fonologia no Brasil*. João Pessoa: GT-Fonética e Fonologia / ANPOLL, 2008.

DIAS, Marcelo Pires; CASSIQUE, Orlando & CRUZ, Regina. "O alteamento das vogais pré-tônicas no português falado na área rural do município de Breves (PA): uma abordagem variacionista". *Revista Virtual de Estudos da Linguagem (REVEL)*. Porto Alegre, n. 9, vol. 5, jul. 2007. (Disponível em: http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/9/artigos/)

MARQUES, Luzia Carmen dos Santos. *Alteamento das Vogais Médias Pré-tônicas no Português Falado no Município de Breu Branco(PA): uma Abordagem Variacionista*. Belém: UFPA/ILC/FALE, 2008. (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras).

OLIVEIRA, Daniele de Abreu. *Harmonização vocálica no português falado na área urbana do município de Breves/PA: uma abordagem variacionista*. Belém: UFPA. 2007. (Plano PIBIC/CNPq)

RODRIGUES, Doriedson do Socorro & ARAÚJO, Marivana dos Prazeres. "As vogais médias pretônicas / e / e / o / no português falado no município de Cametá/PA – a harmonização vocálica numa abordagem variacionista", *Cadernos de Pesquisa em Linguística, Variação no Português Brasileiro*, Leda Bisol & Cláudia Brescancini (orgas.), volume 3, Porto Alegre, novembro de 2007, pp. 104-126.

regina@ufpa.br

REDUÇÃO DA NASALIDADE EM DITONGOS ÁTONOS FINAIS NO PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL

Luiz Carlos Schwindt
Taís Bopp da Silva
(UFRGS)

Opondo-se aos ditongos em sílaba tônica (ex. *cantarão*, *vintém*), que nunca se reduzem no português brasileiro (PB), ditongos nasais em sílabas finais e átonas estão sujeitos a variação: podem se realizar com ou sem nasalidade (ex. *cantaram ~ cantaru*; *viagem ~ viagi*). Essa redução, em PB, parece ser condicionada linguística e socialmente. O fenômeno foi estudado por Votre (1978), Guy (1981), Battisti (2002) e Bopp da Silva (2005), entre outros. Nessa comunicação, partindo dos achados dessas análises, apresentamos os resultados de nossa pesquisa, considerando 144 entrevistas de todas as cidades que compõem o PROJETO VARSUL. O objetivo que conduziu esta investigação foi o de traçar um panorama desta variação em toda a Região Sul, ampliando consideravelmente os dados e rediscutindo seus condicionadores. As variáveis extralinguísticas analisadas foram *localização geográfica, idade* e *escolaridade*, enquanto as linguísticas foram *classe de palavra, consoante do onset, tonicidade do contexto seguinte* e *contexto fonológico seguinte*. A análise estatística indicou que o processo tem uso bastante moderado nos dialetos estudados, com aplicação de 34%. Todas as variáveis foram selecionadas pelo programa GOLDVARB X (2005), encabeçadas por *localização geográfica* e *classe de palavra* e seguidas, nesta ordem, por *contexto seguinte, idade, escolaridade, consoante do onset* e *tonicidade do contexto seguinte*. Nesta exposição, apresentamos todos os resultados obtidos, mas nos dedicamos principalmente à exploração do grupo *classe de palavra*. Nesse quesito, a investigação mostrou que o fenômeno é favorecido em nomes e desfavorecido em verbos. Dentre os nomes, vêm primeiro aqueles sufixados por *-gem* e, em seguida, os nomes em geral. Esse resultado nos sugeriu dois encaminhamentos: a busca de dados recorrentes na categoria nomes, a fim de saber se a nessa categoria não se incluíam muitos vocábulos repetidos, expressando muito mais um padrão de reestruturação da forma subjacente da raiz dessas palavras do que necessariamente um fenômeno de redução da nasalidade, e a subdivisão da categoria verbos nas diversas formas encontradas, a fim de explorar a hipótese de que nos verbos cujas formas conjugadas reduzidas se neutralizam com outras formas não-reduzidas (ex. *eles compram ~ eles compru = eu compru*), o processo teria ainda menor aplicação. Em relação ao primeiro encaminhamento, observamos grande recorrência de alguns vocábulos, mas, mesmo com sua retirada da rodada, a ordem de seleção se manteve idêntica, o que parece não confirmar a hipótese de reestruturação da forma subjacente dessas raízes. No que respeita ao segundo encaminhamento, a investigação das

diferentes flexões não permite confirmar de pleno a hipótese de que formas não-neutralizáveis estariam mais sujeitas à redução do que formas neutralizáveis, já que, entre elas, apenas o pretérito perfeito do indicativo mostrou-se favorável ao processo. Além disso, entre as não-neutralizáveis, o pretérito imperfeito do subjuntivo também ficou acima do ponto neutro. Todas as demais formas verbais mostraram-se desfavorecedoras.

schwindt@terra.com.br

Sessão 3: Variação 2

VARIAÇÃO NA SÍLABA POSTÔNICA FINAL NO FALAR MINEIRO

Alan Jardel de Oliveira
(UFMG/Faculdade Pitágoras)

Este trabalho tem como objetivo apresentar, considerando-se o modelo variacionista, a identificação das variantes que compõem o processo variável que ocorre na sílaba postônica em paroxítonas no falar de Itaúna/MG e apresentar resultados iniciais relacionados à implementação de tal processo. Para a identificação das variantes foi realizada a análise acústica de dados de fala espontânea, realizada com o software Praat. Para a análise das variáveis é utilizado o modelo estatístico de regressão. O banco de dados foi criado a partir da fala de 16 informantes (4 homens jovens, 4 mulheres jovens, 4 homens adultos e 4 mulheres adultas). A descrição e a análise do fenômeno de variação ocorrido na sílaba postônica final lV (como em ele, tranquilo e escola) foi estudada em Oliveira, A. J. (2006). Nesse estudo foram analisadas quatro variantes: (1) a realização plena da sílaba lV com lateral alveolar; (2) o apagamento da vogal na sílaba lV; (3) o apagamento da vogal na sílaba lV e a velarização da lateral e (4) o apagamento da sílaba lV. O apagamento da vogal, fenômeno de juntura de palavras, atua preferencialmente quando a palavra seguinte se inicia por vogal, característica dos processos de degeminação e elisão. Contatou-se também que o apagamento da vogal caracteriza-se como um processo bem mais geral do que o apagamento da sílaba já que não há atuação da classe da palavra alvo no apagamento da vogal, mas há no apagamento da sílaba. O apagamento da sílaba lV é favorecido em pronomes, enquanto o apagamento da vogal ocorre nas classes indistintamente. Segundo Câmara Jr. (1970), a neutralização das vogais átonas finais /e, o/ e /i, u/ em favor de /i, u/ constitui mudança de um subsistema de cinco vogais para um subsistema de três vogais, /i, u, a/, na posição átona final no português. Em Itaúna, esse processo é geral, indicando uma mudança em direção ao subsistema mais simples /i, u, a/. Para além dessa neutralização, há, em Itaúna, o apagamento variável da vogal átona final e o apagamento variável da sílaba átona final, como mostrado em Oliveira, A. J. (2006). Nesta apresentação pretende-se mostrar que as variantes analisadas no falar de Itaúna, com exceção de (3), também ocorrem em outras sílabas na mesma posição, o que indica um enfraquecimento mais amplo da sílaba postônica final.

alanjardel@gmail.com

O ALTEAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS POSTÔNICAS NÃO-FINAIS /o/ E /e/ NO PORTUGUÊS FALADO NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ – PA

Raquel Maria da Silva Costa
(UFPa)

Este trabalho está vinculado ao projeto *Descrição Sócio-histórica das vogais do Português do Brasil*, coordenado nacionalmente pelo Dr. Seung-Hwa Lee (UFMG), e ao subprojeto regional *Descrição Sócio-histórica das vogais do português do norte do Brasil*, coordenado pela professora Dra. Regina Célia Fernandes Cruz (UFPA). Ele em si visa verificar o comportamento das vogais médias postônicas não-finais de itens lexicais na área urbana e rural do município de Cametá, Nordeste do Pará. O estudo desse fenômeno colaborará para a caracterização do dialeto do município em questão e inseri-lo nas variantes lingüísticas da Amazônia. As vogais médias postônicas, ora se manifestam como [E/e] e [O/o], ora como [i] e [u], respectivamente. Como reflexo da posição silábica aqui focalizada, os itens tratados neste trabalho foram somente os vocábulos proparoxítonos. O *corpus* foi constituído por uma amostra estratificada de 96 informantes, selecionados de acordo com sexo, faixa etária, nível de escolaridade e procedência. Sendo que a coleta dos dados foi realizada através de dois tipos de entrevista: uma caracterizada como *livre* (48 informantes), em que os informantes discorreram livremente sobre suas experiências de vida; e de um *teste* ou nomeação de figuras (48 informantes), que consiste na identificação de desenhos pelos informantes, interpretados pelo falante como testes de memória. O *corpus* apresenta **2.177** dados, nos quais foi verificada a ocorrência ou não do fenômeno de alteamento, e sobre os quais se realizou uma análise estatística em moldes labovianos, motivada por fatores lingüísticos e sociais, a partir da utilização do programa computacional *Varbrul*. Através deste, observou-se que o fenômeno de *alteamento* com peso relativo de .47 apresenta probabilidade menor de ocorrência do que sua ausência com peso relativo de **.54**. Examinou-se, também, que as vogais médias em posição tônica desempenham um papel bastante favorecedor do alteamento das médias postônicas em estudo. Dos fatores sociais estudados, a escolaridade e a procedência foram consideradas relevantes para explicar a regra variável de alteamento em Cametá.

Palavras-chave: vogais médias postônicas, alteamento; variação sociolingüística

O APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS NÃO-FINAIS NA FALA DO RIO DE JANEIRO – UMA INVESTIGAÇÃO GEO-SOCIOLINGUÍSTICA

Danielle Kely Gomes
(UFRJ)

Dentre as classes acentuais em Português, as proparoxítonas compõem o conjunto com o menor número de elementos e apresentam um comportamento bastante peculiar. Tal comportamento peculiar está diretamente relacionado ao processo de síncope, isto é, o enfraquecimento e, conseqüentemente, a supressão da vogal postônica não-final ou da própria sílaba em que a vogal está inserida. O apagamento das vogais átonas não finais é um processo bastante comum nas diversas variedades da língua portuguesa e acarreta, por conseqüência, a regularização do padrão acentual, que passa a paroxítono.

O processo de apagamento da vogal postônica medial é frequentemente investigado sob a ótica da Sociolinguística Variacionista, da Fonologia Métrica e, mais recentemente, da

Fonética Acústica. Este trabalho, contudo, parte da conjugação da Geolinguística, à semelhança do trabalho de Cardoso (2007), com a Teoria da Variação Laboviana.

Cardoso (2007:214) verifica, nas proparoxítonas documentadas em atlas que retratam a realidade linguística de cinco áreas geográficas – Paraíba, Sergipe, Bahia, Minas Gerais e Paraná – a produtividade do apagamento das vogais postônicas mediais. No referido trabalho, a autora conclui que a generalização feita sobre a preferência dos falantes pelo uso das formas proparoxítonas com apagamento se restringe aos indivíduos que atendem ao perfil de uma investigação geolinguística clássica: informantes situados fora dos contextos urbanos, de baixa ou nenhuma escolaridade.

Assim, a partir da análise de vocábulos proparoxítonos catalogados em dois atlas cujo foco é a realidade linguística do Estado do Rio de Janeiro – o *Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara* (Lima, 2006) e o *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro* (Almeida, 2008) – e da investigação da fala de informantes urbanos cuja escolaridade varia do primeiro ciclo do Ensino Fundamental até o Ensino Médio (Amostra Censo-80 do Projeto de Estudos sobre os Usos Lingüísticos -PEUL), pretende-se observar se a recorrência da supressão da vogal postônica não-final se limita à fala de informantes afastados dos centros urbanos ou se há outros condicionamentos, mais gerais que atuam no processo de síncope da vogal átona medial, condicionamentos esses independentes de pressões extralinguísticas.

Sessão 4: Filologia

AS VOGAIS NASAIS NO SÉCULO XVI: DESCRIÇÃO E GRAFIA

Célia Marques Telles
(UFBA)

Os gramáticos quinhentistas oferecem descrições articulatórias precisas e os ortografistas descrevem tanto os grafemas como os seus usos. Desse modo, Fernão de Oliveira, João de Barros, Pero de Magalhães de Gândavo e Duarte Nunes do Leão, descrevem as vogais nasais do português, podendo a análise fazer-se desde a perspectiva da funcionalidade de Fernão de Oliveira à prescrição ortográfica de Duarte Nunes do Leão. Fernão de Oliveira assinala claramente a oposição entre vogais orais e nasais quando afirma que o "til nas vogaes quando tambẽ mudão sua voz", exemplificando "não he a mesma voz vila e vilã: mas o til q̃ lhe posemos muda a calidade do .a. d'claravoz em escura e meteo mais pelos narizes". João de Barros, ao tratar do til, explica ser este "sofrimento ou abreviatura de quátro lêteras", entre as quais <m> e <n>. Duarte Nunes do Leão assinala a pronúncia diversa do <a> escrito junto ao <m> ou ao <n> explicando que se pronuncia "com menos hiato & abertura da bocca, & fica parecendo pequeno, não sendo assi". A análise grafemático fonética centra-se em textos não literários de finais do século XV e do século XVI , nos quais se pode observar a grafia das vogais nasais. Dessa análise chega-se à verificação de que os manuscritos documentam que as vogais nasais podem vir grafadas de quatro maneiras: vogal com o til sobreposto <ṽ>, vogal seguida de <m> ou de <n>, <y> seguido de <m> ou de <n>, vogal com o til soprebosto seguida de <<ṽm> ou de <<ṽn>. Após mostrar-se a descrição das vogais nasais nas gramáticas quinhentistas, faz-se, então, uma análise grafemático fonética dos textos para verificar a incidência de uma ou de outra representação gráfica das nasais na língua portuguesa do período arcaico. Mostra-se que o resultado de textos datados de fins do século XV e da primeira metade do século XVI não é muito diferenciado.

PALVRAS-CHAVE: português arcaico; vogais nasais; fonemas; grafemas; estudo grafemático-fonético

FILTRO FONOLÓGICO?

Odete Pereira da Silva MENON
Universidade Federal do Paraná/CNPq

Em 1995, na reunião da ANPOLL em João Pessoa, a presidente da associação, ao se referir a outras congêneres, citou a ANPAD [ã'pade]; na semana retrasada, uma funcionária do Arquivo Nacional, ao preencher o recibo de um livro que ali comprei, solicitou o meu nome. Após eu lhe dizer [o'dɛte], ela escreveu Odett ! Não é a primeira vez que isso ocorre: em geral, quando digo meu nome, falantes de dialetos em que há alçamento da vogal média anterior fechada para [ɪ] ou [i] me devolvem o nome em forma de pergunta [o´dɛtɪ] ? ou [o´dɛtʃi] ? para se certificar que entenderam ... Nesses dialetos, é a enunciação de uma

consoante que recebe na seqüência um /e/. Podemos nos indagar se isso é conseqüência de diferenças nos sistemas fonológicos ou indecisão na interpretação de como representar por escrito, fonemicamente, aquela cadeia fônica. Ao transportar essa indecisão para o passado, utilizando o princípio uniformitarista, poderíamos usar essa reflexão para explicar síncopes (da postônica das proparoxítonas, como de *carrego* para *cargo*; *adultra*, *Alcantra*, *Alvres*, (*Gazetas*, 1732-4); *xicra* (L>T, 1771); ou em outras palavras, como *prigo*, *Crunha*, (*1344*, *CDF*), *alfers*, *urginandose*, *jrzepula* (*GE*); *sobral* por *soveral* (*BL*, 377) ou epênteses, como nos infinitivos flexionados, tal como aparecem regularmente na pena de Frei Leão de S. Tomás, autor da *Benedictina Lusitana* (1644): "E se contar<u>e</u>mos os Cõfules que della colheu Roma", p. 16; "Não queirão pois Authores efcaços tirarnos efta gloria de ter<u>e</u>mos hum pay que...", p.32; "E pera defcobrir<u>e</u>mos os primeiros fundamentos delle, toquemos algũã coufa dos Reis Sueuos", p. 353; ou, ainda, nesse mesmo autor: *Carlo* Mano, 105, mas *Carolo* Mano, 203, *Coronifta*, 276, 386, *Coronica*, 410-1,417, 423, 425, 429, 448, 464, 467, *exprementamos*, 537, *Ingalaterra*, 545, 547-8, 555-6; em outros vários autores do séc. XV, como Fernão Lopes –*Pampollona* por Pamplona (tb. em *1344*, como *caronica*), *mafora* (*Chanc.DPI*) ou do XVIII, como *garavatas*, *faramengas*, *sulutana* (*GE*). Então, se de *xicra* eu elimino o /a/ e de *adultra* o /e/, de *jrzepula* (<urizipella, de erizipella) o /i/, em *Crunha*, o /o/, devo restabelecer esses fonemas em *cronista*, *Inglaterra*, *Pamplona*, *Mafra* ? Se em *alfers* elimino o /e/ posterior ao /r/, devo incluir o /e/ depois do /r/ morfema modo-pessoal do infinitivo? Podemos reduzir isso a simples questão de representação gráfica ou temos que considerar esse fato como uma questão de filtro fonológico? Qual a natureza dessa vogal?

odete@ufpr.br

VOGAIS TÔNICAS NASAIS NA VARIEDADE CUIABANA

Manoel Mourivaldo Santiago Almeida
(USP)

O objetivo da comunicação é discutir – dentre as realizações das vogais tônicas nasaladas /aN/, /eN/, /oN/, no estágio contínuo de variação no chamado falar cuiabano – o registro de manutenção de fenômenos descritos em estágios anteriores da língua: do galego-português à época do Brasil colonial, em especial no século XVIII: época da principal expansão portuguesa, via bandeiras e monções paulistas, para o centro-oeste brasileiro.

Sessão de Pôsteres 1

APAGAMENTO DE VOGAIS PRETÔNICAS NO POBH – NORMA CULTA

Aline R. Assis
Célio Zuppo Júnior
(UFMG)

O presente trabalho tem por objetivo investigar as ocorrências de apagamento vocálico pretônico no português de Belo Horizonte, valendo-se dos dados do PROJETO POBH, proposto por Magalhães (2000). Primeiramente, identificam-se no corpus as ocorrências de apagamento vocálico pretônico, ressaltando aquelas palavras onde o processo foi atestado; com os dados do corpus já transcritos previamente, é possível identificar os contextos específicos de cada ocorrência de supressão vocálica. Procede-se então à análise acústica perceptiva dos resultados obtidos – utilizando o programa Praat – a fim de verificar se realmente houve apagamento vocálico nos contextos em questão. Esta amostragem em análise é relativa à fala de um informante sobre o tema '*escola*', modalidade elocução formal. Os dados coletados passaram por um teste de percepção – no qual havia também alguns distratores – realizado por expertos em lingüística – fonética/fonologia. Como resultado final, este experimento apresentou 10 ocorrências relativas ao fenômeno e suas respectivas análises acústicas – estas, baseadas em códigos das variáveis estruturais previamente estabelecidos. A organização dos códigos se deu através de uma tabela, cujas informações permitiram a esta pesquisa levantar hipóteses concernentes ao efeito que estas variáveis, estes fatores exercem sobre o fenômeno de apagamento vocálico pretônico no POBH. Atestada a ocorrência de alguma das formas de apagamento – aférese e síncope vocálica – codificam-se os dados para que se proceda à sua análise através do SPSS – programa de análise probabilística – que calculará as freqüências e o efeito probabilístico de cada fator na aplicação da regra variável de apagamento vocálico pretônico. A amostragem de dados sob investigação neste experimento piloto não é abrangente o bastante para representar o POBH de maneira significativa e, portanto, as conclusões desta análise ainda não são suficientes para explicar o processo fonológico de apagamento pretônico no POBH, limitando estas conclusões apenas ao âmbito do presente experimento.

Palavras-chave: análise quantitativa; apagamento vocálico pretônico; Fonética Acústica; POBH – norma culta.

INCIDÊNCIA DA OCORRÊNCIA DO ALÇAMENTO EM PRODUÇÕES GRÁFICAS DE ESTUDANTES DE BELO HORIZONTE

Barbara Marra de Andrade
Aline Domingues
Naiara Costa
Erika Parlato-Oliveira
Thais Cristofaro Silva
(Universidade Federal de Minas Gerais)

O objetivo deste trabalho consiste em verificar a incidência da transcrição no código gráfico do alçamento das vogais médias altas [e] e [o] realizadas na língua portuguesa oral. Alçamento é um fenômeno que ocorre na língua falada em determinados dialetos do português brasileiro. Tal fenômeno é caracterizado pela elevação do traço de altura das vogais médias altas [e] e [o] que se realizarão como as vogais altas [i] e [u]. Ele pode acontecer com estas vogais em posição pré e póstonica. A criança em processo de alfabetização pressupõe uma total correspondência entre o código oral e escrito, apresentando erros com apoio na oralidade. Para realização deste trabalho foram utilizadas amostras do banco de dados do projeto Elabore (Laboratório Eletrônico de Oralidade e Escrita). O Projeto Elabore surgiu a partir da necessidade de possuir dados mais concretos a cerca do desenvolvimento da leitura e escrita de estudantes entre 6 e 12 anos. Esse projeto foi formulado por Thaïs Cristófaro-Silva (FALE - UFMG). As produções realizadas pelos estudantes, de escolas privadas e particulares, estão armazenadas em um banco de dados, que contém informações a respeito do nome, data de nascimento, gênero e série. Todos os textos produzidos pelos alunos que participam do e-Labore são digitados, de modo que todos os desvios encontrados são identificados e digitalizados. Neste trabalho foram analisadas 240 redações, aleatoriamente selecionadas, de estudantes da primeira a quarta série do ensino fundamental, sendo que 120 produções são de escolas de financiamento público e 120 produções são de escolas de financiamento particular. Após a leitura e análise das produções realizadas foi verificada a ocorrência de alçamento nas produções. As palavras em que o alçamento de vogais esteve presente em posição pré e/ou postônica foram separadas e agrupadas de acordo com o tipo de alçamento encontrado, escola onde foram coletadas as amostras e a série correspondente. As palavras que apresentaram os dois tipos de alçamento foram agrupadas tanto no grupo de alçamento pretônico quanto no grupo de alçamento postônico. Foram feitas as seguintes análises: contagem do número total de palavras em cada redação; contagem do número de palavras passíveis de alçamento pré e póstônico; contagem do número de alçamentos encontrados; comparação do número total de ocorrência de alçamento considerando a escola, a idade e a série das crianças.

eparlato@hotmail.com

Sessão 5: Variação 3

A HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA NAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS DOS VERBOS NA VARIEDADE DO INTERIOR PAULISTA

Márcia Cristina do Carmo
UNESP-SJRP

Neste trabalho, descrevemos o comportamento variável das vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista (FAPESP 06/59141-9). Como córpus, são utilizadas dezesseis entrevistas do banco de dados IBORUNA, do Projeto ALIP (IBILCE/UNESP – FAPESP 03/08058-6). Foram selecionados, desse banco, os inquéritos cujos informantes têm o seguinte perfil social: (i) sexo feminino; (ii) grau de escolaridade superior completo ou em andamento; e (iii) uma das seguintes faixas etárias: de 16 a 25; de 26 a 35; de 36 a 55; e acima de 56 anos. Quanto à metodologia utilizada, realizamos os seguintes passos: (i) extração das ocorrências de vogais médias pretônicas dos verbos; (ii) identificação dos fatores lingüísticos controlados; (iii) análise dos dados, por meio de transcrição fonética de base perceptual; (iv) identificação dos contextos de variação; e (v) quantificação das ocorrências selecionadas, por meio do pacote estatístico VARBRUL. Nas vogais investigadas, encontramos o fenômeno denominado *alçamento vocálico*, por meio do qual as vogais /e/ e /o/ são pronunciadas, respectivamente, como /i/ e /u/, como em *s[i]ntindo* e *p[u]dia*. Para esta apresentação, consideramos, especificamente, os casos em que o alçamento decorre do processo de *harmonização vocálica*, ou seja, as ocorrências em que há a influência de uma vogal alta presente na sílaba seguinte à da pretônica-alvo. Dessa maneira, consideramos as seguintes variáveis: (i) *altura da vogal da sílaba subseqüente à sílaba da pretônica-alvo*; (ii) *tonicidade da vogal da sílaba subseqüente à sílaba da pretônica-alvo*; (iii) *distância entre a sílaba da vogal alta em relação à sílaba da pretônica-alvo*; (iv) *conjugação do verbo em que a pretônica-alvo ocorre*; e (v) *tipo de sufixo com vogal alta presente no vocábulo em que a pretônica-alvo ocorre*. Como exemplos de resultados, temos que: (i) a *altura da vogal da sílaba subseqüente à sílaba da pretônica-alvo* foi considerada a variável mais relevante à aplicação do alçamento de /e/ e de /o/; (ii) a tonicidade é um fator relevante, mas não determinante à realização do processo, conforme atesta Bisol (1981) para o dialeto gaúcho; e (iii) o sufixo númeropessoal /-i/, como em *p[i]d**i*** e *esc[u]nd**i***, e o sufixo modo-temporal de pretérito imperfeito /-ia/, como em *d[i]v**ia*** e *p[u]d**ia***, de modo geral, favorecem a aplicação do alçamento de /e/ e de /o/, enquanto o sufixo modo-temporal de futuro do pretérito /-ria/, como em *p[e]rd[e]**ria*** e *p[o]d[e]**ria***, desfavorece fortemente o alçamento de /e/ e bloqueia o de /o/.

VARIAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRÉ-TÔNICAS NO FALAR DE BELO HORIZONTE: UM ESTUDO EM TEMPO APARENTE

Maria do Carmo Viegas e Amanda Felicori
Universidade Federal de Minas Gerais

Este trabalho apresenta a fase inicial da pesquisa sobre a variação das vogais médias pré-tônicas no falar de Belo Horizonte observando o tempo aparente. Serão observadas a

abertura e a elevação dessas vogais, tendo como principal variável independente social, ou grupo de fator favorecedor, a faixa etária dos informantes, que poderá indicar, na fase final da pesquisa, se o comportamento da variável analisada consiste em um fenômeno estável ou se está em processo de mudança linguística.

Nosso principal objetivo neste trabalho é verificar, inicialmente, a hipótese de que os falantes mais jovens de Belo Horizonte tendem a abrir mais as vogais médias pré-tônicas enquanto que os mais idosos tendem a fechá-las mais. Os resultados de um projeto-piloto apontaram para um favorecimento da abertura das vogais médias pré-tônicas pelos jovens. Célia (2004) encontrou indícios no falar de Nova Venécia – ES de as vogais abertas estarem em progressão, pois os jovens favorecem o processo de abertura das vogais nessa comunidade. Dias (2008) encontrou indícios no falar de Piranga – MG de que o processo de abertura de /e/ está em progressão, também favorecida pelos jovens. Há ainda a hipótese de que a elevação das vogais não é significativamente diferente entre jovens e adultos. Bisol (1981) afirma que, com base nos resultados de sua análise, o fator idade tem um pequeno efeito na aplicação da regra: os mais jovens tendem a usá-la menos. Viegas (1987) não encontrou diferenças significativas em relação à faixa etária.

Se, de fato, a abertura das vogais médias pré-tônicas estiver em progressão, poderíamos dizer que elas estão, em algumas circunstâncias, aumentando a sua duração, e não reduzindo, já que as vogais abertas têm, em geral, maior duração do que as médias e altas correspondentes (Coimbra et al (2004), dentre outros). Uma das questões que direcionam essa pesquisa é: Quais são os fatores favorecedores da abertura das vogais pré-tônicas nos dialetos mineiros?

Bibliografia

BISOL, L. *Harmonização vocálica*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 1981. Tese de Doutorado.

CÉLIA, G. *Variação das vogais médias pretônicas no português de Nova Venécia-ES*. São Paulo. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2004. Dissertação de mestrado.

DIAS, Melina Rezende. *A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e Ouro Branco. Belo Horizonte*. UFMG, 2008. Dissertação de mestrado.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEE, Seung- Hwa & OLIVEIRA, Marco Antônio de. *Variação inter- e intra-dialetal no português brasileiro: um problema para a teoria fonológica.* IN: HORA, D. da & COLLISCHONN, G. (ogs.). Teoria Lingüística: Fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003, p.67-91.

COIMBRA, R.L.; LISBOA R.C.; MOUTINHO L.C.; TEIXEIRA, A & *VAZ, F. Para a melhoria da síntese articulatória das vogais nasais do português europeu: estudo da duração e de características relacionadas com a fonte glotal.* Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, ano 12, v.2, p. 66-92, 2004.

VIEGAS, M. C. *Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolingüística*. Belo Horizonte, UFMG, 1987, Dissertação de mestrado.

VIEGAS, M. do C. *O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais*. Belo Horizonte, UFMG, 2001, Tese de Doutorado.

A VARIAÇÃO FONÉTICA DAS VOGAIS MÉDIAS PRÉ E POSTÔNICAS NO LÉXICO DE MONTES CLAROS/MG

Patrícia Goulart Tondineli
(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais / FAPEMIG)

O Projeto que ora se apresenta objetiva investigar os aspectos que envolvem a alternância das vogais médias /o/ e /e/, em posição pretônica e postônica (não final) no léxico de Montes Claros/MG. Para tanto, verificar-se-á o papel dos contextos fonológicos no comportamento das mesmas, bem como os aspectos extra-linguísticos que influem, ou não, na alternância dessas vogais, além da sua repercussão no nível lexical. Conforme estudos realizados anteriormente (CRISTÓFARO, 2001; OLIVEIRA, 1992; OLIVEIRA & LEE, 2003, 2006; RIBEIRO, 2007; VIEGAS, 2001; entre outros), constata-se que a variação não é uniforme; assim sendo, utilizar-se-á, pois, neste projeto, a pesquisa variacionista como base metodológica e, como suporte teórico, o modelo difusionista. Antenor Nascentes, em seu *Bases para a elaboração de um Atlas lingüístico do Brasil*, insere Montes Claros na zona do subfalar baiano, o qual teria como uma de suas características a "predominância das vogais pretônicas baixas, como [ɔh'vaʎu], [sɛrẽnu]" (MARTINS, 2006: 03-4). Assim sendo, pergunta-se: serão predominantes as vogais médias baixas, em posição pretônica, no falar da cidade de Montes Claros? Conforme observações empíricas e baseando-nos no trabalho de GUIMARÃES (2006), o que encontramos, na cidade-*corpus*, é um sistema complexo no que diz respeito ao comportamento das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica, o que nos dá, pois, um quadro diferente daquele postulado por Antenor Nascentes. GUIMARÃES (2006, p. 85-6) observou que, na região norte de Minas, no "que tange às vogais médias em posição pretônica, o sistema é um pouco mais complexo (...) Embora haja a neutralização (...) observa-se a presença tanto de vogal média-baixa, quanto de vogal média-alta e, ainda, de redução vocálica na pauta pretônica. (...) Entretanto, a presença de [ɛ, ɔ], embora ainda constatada, parece já não se fazer tão marcante quanto à época da confecção do EALMG". Em análises preliminares do *corpora*, constatamos tal comportamento em relação às vogais médias pretônicas e também em relação às postônicas, além de fatos linguísticos divergentes que coexistem num mesmo período de tempo como, por exemplo, *bibia* e *bebê* (do verbo *beber*); *almoço*, *almuçar*; *sinhora*, *senhor*; *sɛgundo* (=número ordinal), *segundo* (=conforme), o que nos leva à mudança em nível lexical. O trabalho que ora se apresenta pretende, portanto, além de comprovar e estudar o comportamento das vogais médias pretônicas e postônicas (não-final), investigar o uso dos vocábulos com o intuito de contribuir para os projetos que buscam entender as escolhas léxico-fonológicas dos falantes.

pathton@bol.com.br

ESTUDO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NOS NOMES NO DIALETO DE BELO HORIZONTE CONFORME A TEORIA DA OTIMALIDADE

Marlúcia Maria Alves
Universidade Federal de Uberlândia

O objetivo desta pesquisa foi analisar as vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte considerando os fatores lingüísticos e os processos fonológicos,

como harmonia vocálica e redução vocálica, que interferem nesta produção. Como referencial teórico, foi considerada a Teoria da Otimalidade (PRINCE; SMOLENSKY, 1993; MCCARTHY; PRINCE, 1993), modelo de análise gramatical cujos principais objetivos são estabelecer as propriedades universais da linguagem e caracterizar os limites possíveis da variação lingüística. Em posição pretônica, é possível a ocorrência da vogal média fechada para a maioria dos casos, da vogal média aberta e da vogal alta para os casos mais específicos. A vogal média aberta ou a vogal baixa em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte favorece o abaixamento. A posição inicial de palavra associada ao travamento silábico por /S/ ou à formação de sílaba nasalizada favorece a elevação, de modo categórico. A vogal alta em posição tônica ou na sílaba imediatamente seguinte favorece a elevação de modo variável. Favorecem também a elevação a consoante nasal labial precedente, para as vogais anteriores, e a consoante labial precedente e a consoante velar precedente, para as vogais posteriores. Foram considerados três corpora distintos (POBH; ALVES, 1999; fala espontânea). Os resultados obtidos revelam que a formalidade no ato da gravação dos dados é fundamental para que ocorra a variação intraindividual. Conforme os dados extraídos da situação de fala espontânea, há variação interindividual, já que cada falante opta pela realização da vogal média de modo diferenciado. Além disso, observou-se que, neste dialeto, ocorre a variação entre a vogal média fechada e a vogal média aberta, e a variação entre a vogal média fechada e a vogal alta. Para o estudo da variação, conforme a Teoria da Otimalidade, dois aspectos fundamentais são considerados: a noção da dominação estrita e a especificação do inventário vocálico no input. O ranqueamento parcial de restrições, que estabelece várias hierarquias, cada uma selecionando o melhor candidato em termos de variação, foi a alternativa que melhor explicou o fenômeno estudado, principalmente se o traço [aberto] for considerado na classificação de vogais. Este traço contribui para a simplicidade de informações e a economia de restrições.

Sessão 6: Análise Acústica

ANÁLISE ACÚSTICA DAS VOGAIS MÉDIAS POSTÔNICAS NÃO FINAIS: ALTEAMENTO E VELOCIDADE DE FALA

Alessandra de Paula
UFRJ

O processo de neutralização que atinge o sistema vocálico postônico não final tem sido estudado sob diversas perspectivas lingüísticas. Estudos recentes procuram investigar se a implementação do alteamento ocorre de forma diversa no contexto das vogais anteriores e posteriores, conforme previu Câmara Jr (1970), que defende um sistema de quatro elementos (/i, E, a, U/). Segundo Bisol (2003), o Português apresenta uma tendência à regularização entre o contexto anterior e o posterior, pois um sistema de quatro elementos é assimétrico e não natural, ainda que tenha uma explicação fisiológica. Para a autora, o que explica a instabilidade no contexto postônico não final é a flutuação entre o quadro de três vogais (típico da posição postônica final) e o quadro de cinco vogais (típico da posição pretônica)

Os trabalhos sociolingüísticos de Brandão & De Paula (2008) e De Paula (2008), referentes às falas culta e popular do Rio de Janeiro, indicaram que, nesse ambiente, a vogal média anterior é mais resistente ao alteamento do que a média posterior. Por outro lado, seus trabalhos mostraram que o quadro de três vogais é o mais freqüente na fala popular e que a manutenção das vogais médias está relacionada a condicionamentos lexicais. Isso indica que o processo de neutralização tem atingido, significativamente, também o contexto anterior.

Estudos fonológicos com palavras proparoxítonas têm investigado a associação entre a fala rápida e a queda de elementos postônicos, que acarreta ressilabação. Em virtude disso, a próxima etapa da pesquisa irá investigar o contexto fonológico em questão no âmbito da Fonética Acústica, observando-se o parâmetro prosódico da duração, através de duas velocidades de fala: normal e rápida. Uma primeira análise acústica – a ser realizada e apresentada neste trabalho – pretende verificar se o alteamento das médias /e/ e /o/ em sílabas postônicas não-finais está relacionada à velocidade de fala. Para tanto, foram levantados dados de fala de universitários da cidade do Rio de Janeiro, que serão analisados no programa de análise acústica *Praat*. Parte-se da hipótese de que o alteamento das vogais médias postônicas não-finais estaria relacionado à fala rápida (que favoreceria as variantes [i] e [u]), enquanto as vogais médias ([e] e [o]) seriam realizadas com maior freqüência na fala normal. Em etapas futuras, pretende-se ampliar o *corpus* e os contextos fonéticos observados e também realizar análise minuciosa dos formantes das vogais médias postônicas não-finais.

DURAÇÃO VOCÁLICA X CONSOANTE ADJACENTE E ESTRUTURA SILÁBICA: AVALIAÇÃO INSTRUMENTAL

Vera PACHECO (UESB)
Luiz Carlos da Silva SOUZA (UESB)
Francisco de Oliveira MENESES (UESB)

A duração vocálica é um aspecto físico que pode ser fortemente influenciada pelo ambiente fonético no qual a vogal está inserida, podendo ser mais longa ou mais curta a depender da consoante que lhe é adjacente ou da estrutura silábica da qual é constituinte, como mostram trabalhos reportados na literatura.

Assim, as vogais do inglês apresentam comportamento duracional diferenciado a depender do vozeamento, modo e ponto de articulação da consoante que lhes circunda (HOUSE; FAIRBANKS, 1953).

Dentre esses fatores, os autores afirmam que o vozeamento consonantal é aquele que mais influência exerce na duração vocálica, de sorte que todas as vogais são sistematicamente mais longas quando seguidas de consoante sonora e mais curtas quando sucedidas de surda, resultados também encontrados por Peterson e Lehiste (1960) e Chen, (1970).

Quanto ao modo de articulação, House e Fairbanks (1953) mostram que as vogais diante de fricativas sonoras são mais longas que as vogais diante de oclusivas sonoras que, por sua vez, são mais longas que as vogais diante de fricativas surdas.

E, por fim, o alongamento vocálico é detectado em línguas que têm sílabas abertas e fechadas como o Alemão e o Holandês, em que as vogais são mais longas nas sílabas abertas (VAN DOMMELEN, 1982).

Partindo do pressuposto de que a duração de uma vogal pode ser influenciada pelo ambiente fonético em que a mesma se encontra, o presente trabalho propõe uma investigação instrumental da duração vocálica no Português do Brasil (PB) considerando a natureza da consoante adjacente e a estrutura da silábica da qual é núcleo. Dessa forma, busca-se avaliar a relação entre vozeamento, modo e ponto de articulação consonantal e sílaba aberta e sílaba fechada na duração vocálica. Para a realização deste trabalho, montou-se um *corpus* com palavras reais e logatomas do tipo *'*$C_{(1)}\ V_{(1)}\ .\ C_{(2)}V_{(2)}$ e *'*$C_{(1)}V_{(1)}C\ .\ C_{(2)}V_{(1),}$ inseridos em frase veículo, em que $C_{(1)}$ era uma oclusiva ou uma fricativa e $V_{(1)}$ era uma das vogais [a]; [i] e [u].

Foram realizadas gravações digitalizadas da frase veículo e foram obtidas, por meio do Praat, as durações relativas das vogais, durações essas que foram submetidas a testes estatísticos com vistas a identificar diferenças de durações vocálicas significativas nos diferentes contextos analisados e a determinar relações entre os mesmos.

Os resultados encontrados mostram que nem todos os fatores analisados concorrem para alterar a duração das vogais, o que difere dos resultados registrados na literatura para outras línguas.

Bibliografia

HOUSE, A.; FAIRBANKS, G. The influence of Consonant Environment upon the Secondary Acoustical Characteristics of Vowels. **The Journal of the Acoustical Society of America**, n. 25: p. 105-113, 1953.

PETERSON, G.E.; LEHISTE, I. Duration of syllabic nuclei in English. **The Journal of the Acoustical Society of America**, *n.* 32, p. 696-703, 1960.

CHEN M. Vowel length variation as a function of the voicing of the consonante environment. **Phonetica,** n. 2, p. 129-159, 1970.
VAN DOMMELEN, W. A contrastive investigation of vowel duration in German and Dutch. **Phonetica**, n. 39, p. 23-35, 1982.

vera.pacheco@gmail.com

AS VOGAIS PRETÔNICAS [-BX] NO DIALETO CARIOCA: UMA ANÁLISE ACÚSTICA

Luana Machado
UFRJ

Moraes *et alii* (1996), em estudo variacionista sobre as vogais pretônicas, discute a possibilidade de existência de uma vogal de timbre intermediário entre /i/ e /e/ e entre /u/ e /o/, resultante da regra de alteamento. Partem os autores da hipótese levantada por Mattoso Câmara (1953) quanto a não ocorrer neutralização, nos casos de harmonia vocálica, mas sim um debordamento entre os submembros do fonema /i/ e os submembros do fonema /e/.

A hipótese, em suma, diz respeito ao fato de o fenômeno da harmonização vocálica poder levar-nos a admitir a existência de uma chamada "vogal intermediária", ou seja, vogais altas não-subjacentes à estrutura fônica da palavra. Um [i] resultante de [e] e um [u] resultante de [o] (m[**i**]nino e c[**u**]ruja), do ponto de vista perceptivo, equivaleriam a um [i] ou [u], mas possuiriam propriedades formânticas diferentes daquelas das vogais altas subjacentes correspondentes, como, por exemplo, o [i] de f[**i**]zer e o [u] de t[**u**]tano. Seriam consideradas vogais intermediárias por apresentarem valores que se situam entre os das vogais altas ([i]/[u]) e os das médias de segundo grau ([e]/[o]).

Este trabalho constitui mais uma etapa de análise, na busca de confirmar ou infirmar, com maior segurança, a hipótese levantada, ampliando a descrição do espaço acústico dessas vogais. Para tanto, foi utilizado um *corpus* controlado, gravado em laboratório, para poder garantir a qualidade da gravação e a confiabilidade acústica dos dados. Esse *corpus* constitui-se de cinco vocábulos para cada tipo de vogal pretônica (m[i]nino, b[i]gode, d[e]sejo, c[u]ruja, c[u]latra e c[o]varde), isto é, tanto as vogais subjacentes quanto as resultantes do alteamento. Cada forma foi gravada por dois falantes do sexo feminino e dois do sexo masculino, subdivisão que teve por objetivo avaliar as possíveis diferenças entre os falantes dos dois gêneros. No total, serão analisadas 120 ocorrências. Todas as análises foram feitas com o auxílio do programa de análise acústica Praat, versão 5.0.

A distinção entre os dois tipos de vogal se mostrou, até agora, acusticamente significativa, deixando nítido que o [u] e o [i] derivados, embora perceptivamente sejam iguais, acusticamente, são mais baixos e centralizados que as correspondentes subjacentes. A ampliação do *corpus* e do número de falantes poderá oferecer uma visão mais nítida do fenômeno.

Referências

CÂMARA Jr., J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro, Simões, 1953.
MORAES, J.; Callou, D.; Leite, Y. O sistema vocálico do português do Brasil: caracterização acústica. In. Kato, M. (org.) *Gramática do português falado.*vol V: 33-54. Campinas/UNICAMP, 1996.

luanaletras@ufrj.br

VOGAIS ÁTONAS PASSÍVEIS DE APAGAMENTO NO PORTUGUÊS

José Olímpio MAGALHÃES
Aline Rabelo ASSIS
(UFMG)

As vogais átonas em português, principalmente as pretônicas, têm sido alvo das mais diversas investigações, sob diversos enfoques teóricos e metodológicos, tais como: diferenças de alteamento de vogais anteriores e posteriores (CÂMARA JR., 1970; BISOL, 2003; BRANDÃO & DE PAULA, 2008); apagamento da vogal átona final na cidade de Itaúna/MG (OLIVEIRA, 2006; VIEGAS & OLIVEIRA, 2008); possibilidade de existência de uma vogal de timbre intermediário entre /i/ e /e/ e entre /u/ e /o/, resultante da regra de alteamento (CÂMARA JR., 1953; MORAES *et al.*, 1996); harmonização vocálica (BISOL, 1981); papel dos contextos fonológicos no comportamento das vogais pretônicas e a influência de aspectos extralingüísticos na alternância dessas vogais, além da sua repercussão no nível lexical (CRISTÓFARO-SILVA, 2001; OLIVEIRA, 1992; OLIVEIRA & LEE, 2003, 2006; RIBEIRO, 2007; VIEGAS, 2001); estudo da variação entre a vogal média fechada e a vogal média aberta, e a variação entre a vogal média fechada e a vogal alta das vogais médias pretônicas nos nomes no dialeto de Belo Horizonte, conforme a Teoria da Otimidade (ALVES, 2008); descrição e análise de erros, motivados pelo nível fônico da língua, relacionados à grafia das vogais presentes em textos espontâneos, produzidos por crianças brasileiras e portuguesas que cursam uma das quatro séries do Ensino Fundamental (MIRANDA, 2006, 2008; MONTEIRO & MIRANDA, 2008). O apagamento de vogais pretônicas é pouco estudado e geralmente é relacionado à velocidade de fala e/ou a contextos específicos como início de palavras com vogal (***a****garrado* → ‘*garrado*’), penúltima átona (*xíc**a**ra* → ‘*xicra*’), monotongação pelo apagamento de semivogal (*apa**i**xonada* → ‘*apaxonada*’), apagamento de sílaba inteira (*está* → ‘*tá*’), diminuição do número de sílabas (es.ta.bi.li.da.de → es.ta.bli.da.de), otimização rítmica (*'um computador'* → *‘um còmp(u)ta**dór'***). A pergunta que nos fazemos é: precisamos de vogais átonas? Ou, que vogais átonas são passíveis de apagamento e que fatores o determinam? Nesta comunicação, apresentaremos algumas manipulações feitas em laboratório, através do programa PRAAT (http://www.praat.org), de situações de oralidade, no intuito de mostrar que fatores lingüísticos impedem ou favorecem o apagamento vocálico.

PALAVRAS-CHAVE: apagamento vocálico pretônico; Fonética Acústica; vogais átonas.

Sessão 7: Aquisição 1

AS VOGAIS PRETÔNICAS DO PORTUGUÊS NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA

Ana Ruth Moresco Miranda
Universidade Federal de Pelotas

A análise dos erros ortográficos extraídos de textos da escrita infantil tem servido de base tanto aos estudos que pretendem captar as manifestações do conhecimento lingüístico infantil, evidenciando aspectos de sua construção, como àqueles que buscam nesses dados evidências à discussão de aspectos relacionados à fonologia da língua. Os estudos do sistema vocálico do Português do Brasil (PB), especialmente aqueles que focalizam as pautas átonas, mostram que a variação encontrada nas vogais pretônicas transforma vogais médias em altas: ora pelo efeito da harmonia vocálica, ora pelo levantamento da pretônica. De acordo com Bisol (1981, 1983), os vestígios encontrados no PB, em forma de regra variável não estigmatizada, refletem a instabilidade da vogal pretônica característica do português antigo. Em análise que se filia à perspectiva neogramática, a autora define fatores lingüísticos que condicionam a variação da pretônica na pronúncia dos sujeitos estudados, a saber: vogal alta na sílaba seguinte, no caso da harmonia vocálica; consoante velar, precedente ou seguinte, no caso do levantamento de ‘e’; e consoante labial, precedente ou seguinte, consoante velar precedente ou palatal seguinte, no caso do levantamento de ‘o’. Tais condicionamentos, no entanto, são revistos na pesquisa de Klunck (2007), cujos resultados apontam para a ausência de condicionamentos lingüísticos e para a adoção de uma perspectiva difusionista na interpretação do levantamento vocálico. Ao estudar a grafia das vogais, em dados de aquisição da escrita, Miranda (2006) verificou que a maior parte dos erros ortográficos encontrados envolve a grafia da vogal em posição pretônica. No caso específico deste estudo, serão focalizados dados relacionados à grafia das vogais pretônicas do português extraídos de textos espontâneos bem como aqueles obtidos a partir de ditados realizados com imagens, instrumento confeccionado exclusivamente para este estudo, com o controle de variáveis lingüísticas referidas por Bisol (1981). Sem desconsiderar o fato de ser o processo de aquisição da linguagem distinto daquele de aquisição/aprendizagem da escrita, considera-se possível estabelecer conexões entre ambos. Nesse sentido, pretende-se com esse trabalho: a) assinalar relações existentes entre a escrita espontânea e o conhecimento lingüístico subjacente, através da discussão dos resultados obtidos da análise de dados da produção escrita das crianças; b) discutir as grafias das pretônicas à luz das propostas de Bisol (1981) e Klunck (2007); e c) analisar o comportamento das vogais médias nas grafias de formas hipossegmentadas, a fim de buscar indícios para a discussão referente ao estatuto dos grupos clíticos.

A GRAFIA DAS VOGAIS PRETÔNICAS DE NOMES E VERBOS: ANÁLISE DE TEXTOS DE ALUNOS DE QUINTA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Luciani Tenani
UNESP/SJRP

O objetivo central desta apresentação é tratar da escrita não-convencional de ‘e’, ‘i’, ‘o’, ‘u’ em sílabas pretônicas, como ocorrem nos exemplos: ‘biliscões’ (para ‘beliscões’), ‘requeza’

(para ‘riqueza’), ‘curuja’ (para ‘coruja’), ‘molher’ (para ‘mulher’). Tomamos como ponto de partida as descrições das vogais mediais dos substantivos, adjetivos e verbos, feitas por Silveira (2008) e do Carmo (2009). Nessas pesquisas, são descritos os contextos propícios para o alçamento das vogais pretônicas mediais, fenômeno que caracteriza a variedade falada na comunidade de São José do Rio Preto (SP). Levamos em consideração os resultados dessas pesquisas para investigar em que medida e quais características dos enunciados falados podem ser motivadoras de características dos enunciados escritos que observamos. Nesta apresentação, enfocamos a grafia das sílabas pretônicas que envolvem as letras ‘e’, ‘i’, ‘o’, ‘u’ em nomes e em verbos, em textos escritos por alunos que – à época da coleta – estavam na quinta série/sexto ano em uma escola pública paulista, onde desenvolvemos um projeto de extensão universitária (UNESP/PROEX – Proc. 2481). A análise das ocorrências leva aos seguintes resultados: 1) há mais erros ortográficos relacionados à grafia das vogais médias e altas em posição pretônica nos verbos (63%) do que nos nomes (37%); 2) há mais erros ortográficos relacionados à grafia das vogais anteriores (59,4%) do que com as vogais posteriores (40,3%) tanto em nomes, quanto em verbos; 3) entre as vogais anteriores, há mais erros que se caracterizam pela escrita de ‘e’ quando previsto ‘i’ (32,2% dos erros) – casos de hipercorreção – do que erros que se caracterizam pela grafia de ‘i’ quando previsto ‘e’ (27,4%) – casos de transcrição fonética. Quando consideradas as classes gramaticais, nota-se essa tendência somente para os verbos, mas não para os nomes (substantivos e adjetivos). Em outras palavras, da análise da grafia das vogais anteriores, há (de modo geral) evidências de que os escreventes não sabem quando é ‘e’ ou ‘i’, mas tem hipóteses de que não há uma relação direta em características da fala e da escrita; 4) entre as vogais posteriores, há mais erros que se caracterizam pela escrita de ‘u’ quando previsto ‘o’ (22,5%) – casos de transcrição fonética – do que erros que se caracterizam pela grafia de ‘u’ quando previsto ‘o’ (17,7%) – casos de hipercorreção. Quando consideradas as classes gramaticais, nota-se que essa tendência apenas para os nomes, mas não para os verbos.

Referências bibliográficas:

CARMO, M. C. DO. *As vogais pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. 2009. 119f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto (SP), 2009.

SILVEIRA, A. A. M. DA. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. 2008. 143f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto (SP), 2008.

Email: lutenani@ibilce.unesp.br

AQUISIÇÃO DAS VOGAIS DO PB E TIPOLOGIA DE LÍNGUAS

Carmen Lúcia Barreto Matzenauer
Universidade Católica de Pelotas

Na aquisição da fonologia por crianças monolíngues falantes do português brasileiro (PB), a emergência das vogais mostra-se processo gradual, evidenciando simetria no emprego do valor contrativo dos traços de ponto – [coronal], [labial], [dorsal] – em co-ocorrência com os traços [±alto] e [±baixo] (Matzenauer & Miranda, 2007). Tal fato implica que, ao ser incorporado, à fonologia da criança, o valor contrativo de um desses traços de altura, haja a emergência das duas vogais do PB, com diferentes pontos, que compartilham aquela altura.

Em se tratando da oposição determinada pelo traço [±ATR], no entanto, o processo de desenvolvimento fonológico pode mostrar assimetria, sendo dela determinante a co-ocorrência com traço de ponto: na aquisição da fonologia por crianças brasileiras, a incorporação, ao sistema, do valor contrastivo desse traço em um ponto não implica a emergência de vogal correspondente em outro ponto. As noções de simetria e assimetria, com a acepção aqui empregada, também são pertinentes ao se considerarem tipologias de línguas: embora a simetria seja favorecida na constituição de inventários fonológicos, em consonância com o que concluem estudos sobre universais lingüísticos, há línguas naturais que apresentam lacunas em seus sistemas vocálicos, evidenciando a existência de assimetrias. Com base nessa constatação, realizou-se estudo comparativo sobre a assimetria que pode ser encontrada no processo de aquisição das vogais do PB e na constituição do sistema vocálico de diferentes línguas, com foco particular na classe das vogais médias, examinando-se a co-ocorrência entre os traços de ponto e os traços [±alto], [±baixo] e [±ATR].

Na busca de uma adequada formalização do fenômeno da assimetria nos sistemas, tanto nos sistemas vocálicos integrantes de gramáticas de diferentes estágios do processo de aquisição fonológica, como naqueles pertencentes a diferentes tipologias de línguas, os resultados do estudo foram analisados com fundamento nos pressupostos da Teoria da Otimidade, a partir de Prince & Smolensky (1993/2004).

Referências

MATZENAUER, C.L.B & MIRANDA, A.R.M. Traços distintivos e a aquisição de vogais do português do Brasil. *I SIS-Vogais*. João Pessoa: UFPB, 2007.

PRINCE,A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: Constraint interaction in generative grammar*. Technical Report, Rutgers University and University of Colorado at Boulder, 1993. Revised version published by Blackwell, 2004.

carmenluc@terra.com.br

AQUISIÇÃO DO SISTEMA VOCÁLICO: CAMINHOS DA L1 E DA L2

Giovana Ferreira-Gonçalves
Mirian Rose Brum-de-Paula
Universidade Federal de Santa Maria/PRODOC CAPES

Durante o processo de aquisição do inglês e do francês como língua estrangeira, aprendizes brasileiros geralmente se deparam com dificuldades relacionadas à emergência das vogais, pois estas línguas apresentam um maior número de segmentos vocálicos do que o português. De acordo com a literatura da área (Alcântara, 1998; Nobre-Oliveira, 2007), os aprendizes brasileiros, durante esse processo, realizam os novos segmentos de acordo com os que estão disponíveis em seu sistema ou como segmentos diferenciados, configurando a gramática da interlíngua – vista aqui como um sistema dinâmico. Neste trabalho, nos centramos na aquisição do sistema vocálico do português brasileiro, como língua materna, buscando explicitar, com base na comparação de três diferentes sistemas vocálicos – português brasileiro, inglês e francês como L2 -, a aquisição tardia das vogais médias-baixas. Tendo como suporte teórico a Teoria da Otimidade em um viés conexionista, as restrições envolvidas devem ser tanto de natureza fonológica quanto de natureza fonética. Também são adotados os pressupostos de Flemming (2006) sobre a construção dos sistemas vocálicos a partir de restrições relativas à percepção. Para o autor, há dois conjuntos de restrições: aquelas que maximizam a contrastividade nos sistemas e aquelas que militam para o aumento da distintividade dos sons em um espaço perceptivo-multidimensional. Nossa análise está

baseada nos dados das pesquisas de Rangel (2002), sobre a aquisição das vogais em PB como língua materna, Nobre-Oliveira (2007), sobre a aquisição das vogais do inglês como língua estrangeira por falantes nativos de português, e Brum-de-Paula (2003), sobre a aquisição da temporalidade morfológica do francês por falantes nativos do português. Os resultados apontam para a necessidade de uma releitura de propostas de formalização de análise que têm por base apenas restrições de marcação fundamentadas em aspectos articulatórios - como as de traços distintivos utilizadas em Bonilha (2005). Releitura com base em modelos teóricos capazes de explicitar aspectos relacionados à freqüência, complexidade articulatória, detalhamento acústico e construção gradual dos segmentos.

ALCÂNTARA, C. C. O processo de aquisição das vogais frontais arredondadas do francês por falantes nativos do português. Dissertação de Mestrado, UCPel, 1998.

BONILHA, G. Aquisição fonológica do Português Brasileiro: uma abordagem conexionista da Teoria da Otimidade. Tese (Doutorado em Letras) – PUCRS, 2005.

BRUM-DE-PAULA, M. L´appropriation de la temporalité morphologique en langue étrangère : contextes linguistiques d´émergence et de structuration. Lille : ANRT, 2003.

FLEMMING, E. The role of distinctiveness constraints in phonology, 2006. [Disponível em http://web.mit.edu/~flemming/www/]

NOBRE-OLIVEIRA, D. The effect of perceptual training on the learning of English vowels by Brazilian Portuguese speakers. Tese (Doutorado em Letras) – UFSC, 2007.

RANGEL, G. Aquisição do sistema vocálico do português brasileiro. Tese (Doutorado em Letras) – PUCRS, 2002.

gfgb@terra.com.br
brumdepaula@yahoo.fr

Sessão 8: Aquisição 2

SOBRE A VOGAL FINAL /O/ NA AQUISIÇÃO DO PB COMO LÍNGUA MATERNA

Cíntia da Costa Alcântara
Universidade Federal de Pelotas

Os vocábulos não-verbais do português são, em grande parte, terminados por uma das três vogais átonas /a e o/ (e.g., problem-**a**, mal-**a**, prol-**e**, ded-**o**, trib-**o**). Independentemente do modelo teórico assumido, muitos linguistas defendem haver uma condição de boa-formação morfológica, vigente não só para a língua portuguesa, mas para outras línguas românicas, a qual exige a presença de uma posição temática à borda direita do vocábulo (cf. Harris (1999, 1996, 1991), para o espanhol; Oltra-Massuet (1999), para o catalão; Calabrese (1998) e Peperkamp (1997), para o italiano). Na presente exposição, mostrar-se-á que tal condição é respeitada pelos falantes nativos do português em processo de aquisição da linguagem, ainda que as formas produzidas divirjam daquelas encontradas no sistema já estabelecido (cf. colego por coleg-a; idioto por idiot-a). Sob o enfoque da Teoria da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz, 1993, 1994), defende-se que as três referidas vogais, /a e o/, são a manifestação fonológica de morfemas de classe formal – tradicionalmente vogais temáticas –, os quais têm caráter puramente morfológico, sendo destituídos de valor sintático (cf. Alcântara, 2003). Isso posto, a questão a ser respondida concerne às razões linguísticas desencadeadoras da emergência da vogal /o/ em lugar de /e/ ou /a/. Poder-se-ia pensar, em primeiro lugar, no aspecto relativo ao conteúdo dos feixes de traços morfossintáticos dos vocábulos não-verbais do português cujos radicais devem receber uma das vogais átonas finais /e/ ou /a/ – ao invés da vogal /o/ –, dado que a interpretação fonológica desses traços que integram morfemas (nós terminais), ocorre tardiamente na gramática, depois das operações morfológicas, que se dão no componente precedente, o morfológico. Em segundo lugar, poder-se-ia imaginar a presença da vogal /o/, em lugar de /e/ ou /a/, como resultado da atuação de um desses mecanismos morfológicos sobre o feixe de traços do radical que deve receber posteriormente uma das citadas vogais em posição final de palavra. Acredita-se que os resultados dessa análise apontem para a pertinência do modelo teórico da DM também com respeito ao processo de aquisição de língua, neste caso, o português.

A EPÊNTESE VOCÁLICA NA AQUISIÇÃO DE PLOSIVAS FINAIS DO INGLÊS (L2): TRATAMENTO PELA OT ESTOCÁSTICA E PELA GRAMÁTICA HARMÔNICA

Ubiratã Kickhöfel Alves
Universidade Católica de Pelotas

Na interlíngua português-inglês, vasta é a literatura sobre o papel da epêntese vocálica no processo de aquisição das codas finais com plosivas, tais como /p/, /t/ e /k/ (Koerich, 2002; Silveira, 2004; Zimmer, 2004; Baptista & Silva Filho, 2006; Alves, 2008). Entretanto, poucos ainda são os trabalhos que discutem tal fenômeno sob um modelo de gramática voltado para restrições, como a Teoria da Otimidade (Prince & Smolensky, 1993/2004) ou, ainda, o seu

modelo predecessor, a Gramática Harmônica (Legendre, Miyata & Smolensky, 1990; Smolensky & Legendre, 2006). Esses dois modelos de gramática diferenciam-se, sobretudo, no que diz respeito à organização das restrições: tem-se, no primeiro, um *ranking* em que a restrição em posição mais alta se mostra capaz, por si só, de eliminar candidatos a *output*. Por sua vez, na Gramática Harmônica, a organização das restrições dá-se por pesos numéricos que apresentam caráter cumulativo na escolha do candidato ótimo, caracterizando "efeitos de gangue" entre as restrições.

O presente trabalho visa a discutir as diferenças entre dois algoritmos de aprendizagem associados, respectivamente, à OT Estocástica e à Gramática Harmônica, na simulação do fenômeno de epêntese vocálica característico da aquisição das codas do inglês. Para isso, foram realizadas simulações computacionais do processo de aquisição das obstruintes finais, através do software *Praat* (Boersma & Weenink, 2008), empregando-se os algoritmos em questão. Através dessas simulações, procurou-se verificar se ambos os algoritmos convergiriam para a representação dos dados de epêntese vocálica, bem como se observaram as possíveis diferenças, na atribuição numérica do valor das restrições, por parte de cada um dos algoritmos empregados.
Discutem-se, através da simulação do fenômeno de epêntese vocálica, não somente as diferenças entre a TO Estocástica e a Gramática Harmônica no que diz respeito aos seus princípios de funcionamento. Objetiva-se, também, discutir as implicações teóricas, referentes à caracterização do sistema gramatical em desenvolvimento, resultantes da aplicação de cada um das duas propostas, bem como as teorias de base que as fundamentam.

ukalves@gmail.com

AQUISIÇÃO ORTOGRÁFICA DAS VOGAIS DO PORTUGUÊS

Carolina Reis Monteiro
Ana Ruth Moresco Miranda
(Universidade Federal de Pelotas)

Estudos sobre a aquisição ortográfica, como os de Miranda (2006, 2008a e 2008b), têm mostrado que a criança, em processo de aquisição da escrita, extrai dos conhecimentos que possui acerca do sistema de sua língua subsídios às formas gráficas que começa a produzir e, ao fazer isso, engendra grafias que se caracterizam como erros ortográficos, os quais surgem, muitas vezes, em decorrência do fato de não haver uma relação direta entre o nível fônico e o gráfico da língua. O sistema fonológico vocálico do português apresenta relação assimétrica tanto em relação às formas ortográficas como no que diz respeito às formas fonéticas da língua. Neste estudo, pretendemos descrever e analisar os erros relacionados à grafia das vogais presentes em textos espontâneos, produzidos por crianças brasileiras e portuguesas que cursam uma das quatro séries do Ensino Fundamental. Os dados extraídos das produções espontâneas de crianças brasileiras, descritos e analisados em Miranda (2008b) e Monteiro e Miranda (2008a e 2008b), serão comparados àqueles encontrados nas produções de crianças portuguesas, a fim de que possamos verificar as repercussões das diferenças observadas em ambos os sistemas, especialmente em relação às pautas pré e postônicas, sobre as grafias infantis. Para classificar os erros ortográficos foram utilizadas as categorias propostas por Miranda (2006) que propõem uma divisão entre os erros motivados pela fonética/fonologia da língua e os erros decorrentes da supergeneralização de regras. Os erros enquadrados na primeira categoria são aqueles motivados pelo nível fônico da língua, aqueles a partir dos quais podem ser observados "vazamentos" dos conhecimentos fonológicos já construídos

pelas crianças; já os erros advindos da supergeneralização são aqueles em que a criança generaliza uma regra a um contexto em que ela não se aplica. Os resultados até agora encontrados mostram que as crianças portuguesas, assim como as brasileiras, ao grafarem as vogais, cometem erros que refletem aspectos comuns, mas também revelam algumas especificidades de ambos os sistemas linguísticos.

Sessão 9: Variação 4

ANÁLISE DA PLASTICIDADE DO FENÔMENO DE EPÊNTESE PERCEPTUAL EM SUJEITOS MONOLINGUES

Erika Maria Parlato-Oliveira
(Universidade Federal de Minas Gerais)
Emmanuel Dupoux
(LSCP ENS – França)

A epêntese perceptual é a percepção ilusória de uma vogal inexistente no estímulo sonoro. Parlato-Oliveira (2005) estudou o fenômeno de epêntese perceptual na língua portuguesa brasileira, na língua portuguesa européia e na língua japonesa, identificando a presença deste na língua portuguesa brasileira e na língua japonesa, porém com a presença de vogais diferentes. Neste trabalho investigamos a plasticidade do fenômeno de epêntese em um grupo especial de falantes monolíngües brasileiros. A partir da constatação de que os falantes de língua portuguesa brasileira percebem uma vogal ilusória quando confrontados a um grupo consonantal ilegal na língua, nossa questão é investigar a possibilidade de "impedir" este fenômeno de ilusão perceptual e de perceber corretamente os grupos consonantais ilegais na língua, sem a presença da vogal epentética. Para verificarmos esta hipótese nós decidimos testar falantes que têm foram submetidos a treinamento de percepção auditiva: músicos profissionais. Estes sujeitos são habituados a ouvir atentamente estímulos auditivos variados. Podemos pensar que, caso seja possível treinar a percepção auditiva para os clusters, estes sujeitos conseguiriam. Foram testados 8 músicos monolíngües brasileiros, estudantes do último ano da faculdade de música (curso de maestro), que haviam recebido treinamento auditivo perceptual. Todos os participantes preencheram um questionário detalhado sobre sua experiência lingüística. Os sujeitos foram submetidos a duas provas, uma de identificação e outra de classificação de vogais. Todos os resultados foram analisados e interpretados estatisticamente. Os resultados da prova de identificação de vogais sugerem que os músicos, quando têm tempo para responder, são capazes de não realizar o fenômeno de epêntese perceptual. Porém, na experiência de repetição de seqüência, que envolve memória de curto tempo, desenvolvida por Dupoux et al. (2001), observamos que os músicos apresentam um padrão de resposta muito semelhante ao dos falantes brasileiros não-músicos: todos os sujeitos fazem mais erros na comparação *ebizo vs ebzo* do que nas outras. A diferença entre *ebizo vs ebzo* e a condição controle (*ebizo vs ebuzo*) é muito significativa nos músicos ($F(1,5)=11.1$, $p<.03$), mesmo se a amplitude deste efeito pareça diminuir em relação aos músicos. No final, se a performance média parece melhorar, ela permanece qualitativamente idêntica. Parece portanto que o fato de ter uma experiência acústica não-lingüística, apesar de dar mais competência acústica aos sujeitos, não interfere no sistema lingüístico.

eparlato@hotmail.com

UM ESTUDO DA ABERTURA E DO ALÇAMENTO DE /e/ E /o/ NO FALAR DOS MINEIROS DE PIRANGA E OURO BRANCO

Melina Rezende Dias
(Colégio Santa Marcelina)

Diversos estudos dialetais sobre as vogais médias pretônicas têm mostrado que elas estão relacionadas a um fenômeno variável. Bisol (1981), Viegas (1987), Freitas (2001), Lee e Oliveira (2003), entre outros. Existem cinco fonemas na posição pretônica em oposição distintiva no Português Brasileiro, mas há bastante variação dialetal relacionada a esses fonemas. Além da elevação variável dos fonemas /e/ e /o/, a maioria dos estudos já realizados reforçam a idéia de que esses fonemas recebem uma pronúncia predominantemente fechada nas regiões SulSudeste, enquanto que no NorteNordeste prevalece uma realização mais aberta. Mas, nas palavras de Lee e Oliveira (2003:68): "A situação não é tão simples assim. A realidade é que nos dois grandes grupos dialetais podemos ter [O ~ o ~ u] e [E ~ e ~i], em posição pretônica." A variação em Minas é particularmente complexa. Lee e Oliveira (2003) problematizam a variação intradialetal. Segundo eles, existem itens lexicais no mesmo dialeto que têm ora a vogal alta, ora a vogal aberta e ora a vogal fechada. Exemplificam com o dialeto de Belo Horizonte em que há certas palavras que podem ser pronunciadas de três formas diferentes, como: modErno ~ mOdErno ~ mudErno.A metodologia utilizada neste trabalho se baseia em princípios da teoria da variação ou sociolingüística, proposta por Labov (1972). Além de apontar que a heterogeneidade e a variação são inerentes a todas as línguas, a sociolingüística variacionista apresenta uma metodologia eficaz que evidencia a ordem na aparente desordem ou heterogeneidade. Labov propõe que a variação pode ser condicionada por aspectos sociais e por aspectos lingüísticos. Neste trabalho, estudamos a abertura e o alçamento dessas vogais nas cidades de Piranga, zona da Mata Mineira, e Ouro Branco, região Central de Minas. Observamos inicialmente que um fator favorecedor importante é a vogal da sílaba seguinte. Assim, teríamos processos de harmonização vocálica. Observamos também outras variáveis fonológicas, morfológicas e lexicais que estariam favorecendo ou inibindo a variação da vogal média pretônica. Foram submetidos à análise quantitativa dados de 16 informantes estratificamente distribuídos por gênero, faixa etária e origem. Foram gravadas entrevistas e foram feitos testes de percepção e produção, transcrevemos e codificamos as gravações para montar o banco de dados. Utilizamos para análise o modelo logístico incluído no SPSS para os cálculos probabilísticos.

Sessão de Pôsteres 2

ALÇAMENTO VOCÁLICO NA ESCRITA E ORALIDADE INFANTIL

Amana Maris Ribeiro Greco
UFMG

Este trabalho pretende discutir aspectos relacionados ao alçamento vocálico na fala de 40 (quarenta) crianças de 6 e 12 anos, de Belo Horizonte. O alçamento de vogais médias permite que as palavras *vestido* e *policial* sejam pronunciadas como *v[i]stido* e *p[u]licial.* Assim, vogais médias pretônicas podem se manifestar foneticamente como vogais altas: (e>i) e (o>u). O alçamento vocálico em Belo Horizonte é amplamente estudado entre a população adulta (Viegas 1987, 2001; Oliveira 1991) mas o conhecimento deste fenômeno na população infantil ainda necessita ser estudado. Este trabalho pretende ser uma contribuição para preencher esta lacuna nos estudos lingüísticos. Assim, serão coletados dados da oralidade das crianças na expectativa de avaliar o alçamento de vogais médias pretônicas. Adicionalmente, serão coletados dados de escritas das crianças. Verifica-se a partir destes dados se o alçamento na escrita e na oralidade infantil possuem alguma relação. Avaliaremos se palavras como *vestido* e *policial* são grafadas como *vistido* e *pulicial.* A investigação do alçamento na escrita decorre de evidências diversas que apontam para a influência da oralidade na aquisição da escrita do português. Portanto, é esperado que o alçamento observado na oralidade seja manifestado na escrita das crianças. Verificaremos também a hipótese formulada por Chevrot et al (2000) a qual sugere que ao terem contato com a escrita as crianças adaptariam a pronúncia aprendida em sua comunidade de fala para uma pronúncia mais representativa da ortografia. Portanto, observaremos como se dá o alçamento vocálico durante o processo de aquisição e uso da modalidade escrita da língua pelas crianças. Este trabalho contribui com um maior conhecimento do alçamento vocálico no português de Belo Horizonte no que diz respeito a população infantil, contribui com a avaliação entre a oralidade e escrita e finalmente, contribui para o debate lançado por Chevrot et al (2000) de que a escrita pode ter impacto na oralidade.

FORMANTES VOCÁLICOS DO PB A PARTIR DA PERCEPÇÃO DA FALA: UMA META-ANÁLISE

Rui Rothe-Neves
UFMG

Uma meta-análise consiste na revisão integrada, quantitativa e sintética de resultados relatados por estudos relacionados, porém independentes. O presente estudo apresenta a análise de dados acústicos já publicados sobre vogais do PB a fim de responder a questões ainda não relatadas para nossa língua. São elas: (1) Em que medida interações do segundo formante (F2) com F3 e F4 são importantes para descrição do espaço vocálico? (2) Em que medida interações entre formantes são importantes para discriminar as relações no espaço vocálico? Com isso, podem-se subsidiar estudos de percepção da fala que abordem a importância e a interrelação de pistas acústicas para discriminação de sons de nossa língua. Tanto quanto se saiba, entretanto, permanecem sem resposta.

Sessão 10: Variação 5

A VARIAÇÃO VOCÁLICA EM POSIÇÃO TÔNICA EM NOMES FEMININOS

Priscilla Garcia
Universidade Federal da Bahia

A variação vocálica ocorrida em posição tônica no PB, apesar de ocorrer "em um grupo restrito de palavras" (CRISTÓFARO-SILVA 2003, p.80) e de ter sido ainda pouco estudada e abordada pela literatura da área, parece ser um fenômeno bastante recorrente na língua portuguesa.

Trabalhos como os que foram desenvolvidos por Vieira (1983), Cunha (1991), Alves (1999), Tomaz (2006) e Garcia (2008), que tratam de variação vocálica em posição tônica sob abordagens teóricas e metodológicas distintas, apontam diferentes casos de variação vocálica em nomes. Os estudos de Vieira (1983) e Garcia (2008), por exemplo, identificam casos de variação vocálica de cunho diatópico ocorridos em diferentes localidades brasileiras. O estudo de Garcia (2008), especialmente, trata do vocábulo feminino *cachorra* que, em Cruzeiro-SP, é pronunciado com [ɔ].

Angariando os dados das pesquisas de Veira (1983), que mostra a variação vocálica em posição tônica nos vocábulos *canoa*, *proa*, *popa*, *foice*; de Cunha (1991), que indica 22 vocábulos femininos com variação vocálica em posição tônica; de Garcia (2008), que apresenta a variação na tônica do vocábulo *cachorra* e do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), que procura documentar a variação em posição tônica nos vocábulos *poça*, *canoa* e *grelha*, propõe-se, assim, valendo-se das metodologias da Sociolinguística e da Dialetologia, um estudo da variação vocálica em nomes (substantivos e adjetivos) femininos. Para isso, valer-nos-emos do modelo teórico da Difusão Lexical e dos seguintes métodos: confecção de um questionário contendo 70 itens lexicais cuja vogal, na posição tônica, seria uma das quatro vogais médias ([e]-[ɛ]/ [o]-[ɔ])do português; aplicação de um texto para leitura; "seleção" dos informantes, participantes da coleta de dados conforme as variáveis extralinguísticas *escolaridade*, *idade* e *sexo*; confecção, para identificação dos informantes, de uma *ficha do informante* segundo aos moldes propostos por Ferreira e Cardoso (1994); coleta de dados (aplicação do questionário) nas localidades de Belo Horizonte - MG e Salvador-BA; investigação, através de levantamento de dados em livros, mapas, sites governamentais, centros de cultura e bibliotecas locais, de fatores sócio-históricos, políticos e geográficos das localidades estudadas; análise das características morfológicas dos vocábulos que apresentam variação; análise etimológica dos vocábulos que apresentam variação; análise fonética acústica de todas as vogais médias em posição tônica emitidas pelos informantes, com o objetivo de verificar se há, nas localidades estudadas, uma pronúncia de vogais médias com timbre intermediário.

BILBIOGRAFIA

ALVES, Marlúcia Maria. *As vogais médias em posição tônica nos nomes do português brasileiro*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas lingüístico do Brasil:* questionário 2001. Londrina: UEL, 2001.

CUNHA, Viviane. *Um traço do vocalismo português: a metafonia*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.* 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

GARCIA, Priscilla Costa. *Quando a exceção é a regra: sobre uma aplicação não-padrão do princípio da harmonia vocálica*. Relatório (Iniciação Científica) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, 2008.

Inquéritos das capitais da região nordeste. Atlas Lingüístico do Brasil. n. 1/2 . maio de 2008. 1 DVD.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco. A alternância metafônica da vogal média arredondada no português do Brasil. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUCRS, 2003.n. 4.v. 38.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1986.

TOMAZ, Kátia Silva. *Alternância de vogais média posteriores em formas nominais de plural no português de Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

VIEIRA, Maria Nazaré. *Aspectos do falar paraense: fonética, fonologia, semântica*. Belém: UFPA, 1983

priscilla_garcia@ymail.com

A VARIAÇÃO SONORA NA REALIZAÇÃO DAS VOGAIS PRETÔNICAS /e/ E /o/ NO DIALETO DE PARACATU-MG

Idalena Oliveira Chaves
Universidade Federal de Minas Gerais

Este trabalho investiga um fenômeno variante no sistema vocálico do português do Brasil. Trata-se da variação sonora nas vogais pretônicas médias, anteriores e posteriores, na pronúncia dos falantes da cidade de Paracatu, situada no noroeste de Minas Gerais, onde os fonemas /e/ e /o/, em posição pretônica, realizam-se como [e] ~ [ɛ] ~ [i] e [ɔ] ~[o] ~ [u], respectivamente.

Para identificar os fatores que condicionam esta variação, conduzimos a pesquisa em dois momentos: (1) coleta dos dados, por meio de entrevistas gravadas, e (2) análise qualitativa e quantitativa dos dados mediante critérios sociolingüísticos e estruturais. As hipóteses deste trabalho foram definidas com base na observação dos dados pesquisados e nos trabalhos, sobre esta mesma temática, já realizados. A hipótese inicial era de que a ocorrência das variantes /ɛ/ e / ɔ/ fosse predominante no dialeto. Entretanto, outras hipóteses foram surgindo, no decorrer da pesquisa, ao se constatar que o alçamento e a manutenção da vogal média como fechada também eram freqüentes.

O trabalho justifica-se pela investigação de um aspecto definidor do português falado no Brasil (a pronúncia aberta das vogais médias ‘e/o’) e, ainda, por atender uma necessidade de descrição da língua portuguesa falada em Minas Gerais.

APÓCOPE DOS FONEMAS ÁTONOS FINAIS /I/ E /U/ NA LOCALIDADE DE BECO, SEABRA/BA

Maria do Carmo Sá Teles de Araújo Rolo
Universidade Federal da Bahia – PPGL/UFBA

Sabe-se que o sistema vocálico brasileiro configura-se como um sistema formado por um quadro de 12 vogais orais: 7 tônicas e 5 átonas não-finais. Em posição de final de vocábulo, as vogais átonas ficam reduzidas a 3, pois algumas posições são suprimidas. Nesta posição, as vogais átonas finais ficam mais flexíveis e flutuam mais em decorrência da variação dialetal. Estudos variacionistas que abordam as vogais átonas finais ainda são bastante escassos no Brasil. Trabalhos como a dissertação de mestrado de Oliveira (2006) e o artigo de Viegas e Oliveira (2008) sobre o apagamento da vogal átona final na cidade de Itaúna em Minas Gerais configuram-se como estudos pioneiros neste campo. Fenômeno semelhante ocorre na comunidade rural de Beco, distrito de Seabra, estado da Bahia. Nesta comunidade, observa-se uma forte tendência ao desaparecimento da vogal átona em final de vocábulos. Neste trabalho, será apresentado o resultado de um estudo piloto de base variacionista (LABOV, 2008) sobre a apócope das vogais átonas finais [i] e [u] na fala da comunidade, utilizando um corpus de 1.111 ocorrências. Tem por objetivo fazer um estudo lingüístico no nível fonético-fonológico (CÂMARA JR., 2004) para constatar diferenças com relação ao português padrão. Tal análise permite verificar a presença ou ausência dos fonemas átonos finais /i/ e /u/ na realização da fala, bem como definir as condições que favorecem ou restringem a variação. Dentre as ocorrências, 1.002 foram de apócope e 109 do português padrão. A amostra analisada é constituída de seis inquéritos coletados a partir de entrevistas realizadas pelo próprio pesquisador com seis locutores da comunidade de fala pesquisada. Como variáveis lingüísticas, consideram-se as consoantes em contexto antecedente, verificadas quanto à zona e modo de articulação, e a dimensão do vocábulo em que se encontra a variável. Como variáveis sociais consideram-se o gênero e a faixa etária. Os informantes foram escolhidos em quantidades iguais para cada sexo visando o estudo da variante sociolingüística gênero, e distribuídos em três faixas etárias: F1 (20 a 34 anos), F2 (40 a 54 anos) e F3 (mais de 70 anos). Da análise realizada, foi possível observar que, em relação aos fatores internos, a consoante oclusiva dento-alveolar [t] em contexto antecedente e a dimensão dissilábica do vocábulo são os que mais favorecem a apócope. Não foram observadas diferenças significativas quanto ao sexo do falante. Os resultados indicam que a faixa etária acima de 70 supera as outras duas faixas.

Palavras-chave: Apócope. Vogais átonas finais. Variação fônica.

Referências:

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 36 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos.** Tradução de BAGNO, Marcos; SCHERRE, Maria Marta Pereira;CARDOSO, Caroline Rodrigues. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, Alan Jardel. **A variação em itens lexicais terminados em /l/V na cidade de Itaúna/MG**, 2006. 211f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

VIEGAS, Maria do Carmo; OLIVEIRA, Alan Jardel. **Apagamento da vogal átona final em Itaúna/MG** e atuação lexical. In: **Revista ABRALIN**, vol 7, n. 2, p. 119-138, jul/dez, 2008.

mcstar@superig.com.br

A NASALIZAÇÃO VOCÁLICA PRETÔNICA POR EFEITO DA CONSOANTE NASAL DA SÍLABA SEGUINTE: A VARIAÇÃO NO PORTUGUÊS FALADO EM CAMETÁ – PARÁ

Doriedson do Socorro Rodrigues
(UFPA)

A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolingüística de linha laboviana, analisa-se a nasalização vocálica pretônica por efeito da consoante nasal da sílaba seguinte, no português falado no município de Cametá, nordeste do Estado do Pará. Considerando-se um corpus obtido a 36 informantes, estratificado em sexo, faixa etária, escolaridade e procedência, observa-se que a probabilidade da presença da nasalização é muito maior que sua ausência. O resultado, em comparação com outros já realizados no país e no Estado do Pará, evidencia ainda que há um decréscimo de presença de nasalização no sentido norte-sul do país, conforme já apontado em outros estudos sobre o mesmo fenômeno no Estado do Pará, mas com a probabilidade de no próprio Estado também estar ocorrendo esse decréscimo.

PALAVRAS-CHAVE: nasalização pretônica; variação; vocalismo.

SÂNDI NO CONTEXTO A#A: ELISÃO OU DEGEMINAÇÃO?

Juliana Ludwig Gayer
(UFRGS)

A partir da semelhança que pode ser verificada entre os fenômenos de elisão e degeminação em português, discutimos, neste trabalho, a seguinte questão: no caso da sequência a#a, trata-se de elisão ou degeminação? Em trabalhos anteriores, como os de Bisol (2002) e Tenani (2002), estes contextos foram interpretados como sendo de degeminação, possivelmente com base em exemplos como sofá#amarelo, araçá#azedo, em que o sândi pode se aplicar, apesar do acento em V1, que bloqueia a elisão mas não a degeminação. No entanto, em princípio, essa sequência tanto poderia representar um processo quanto o outro, pois pode ser interpretada como sendo /a/ + V (elisão), como também uma sequência de duas vogais iguais adjacentes (degeminação). Neste trabalho, verificamos, em um conjunto de dados levantado para a análise do sândi vocálico na amostra do Banco VARSUL da cidade de São Borja (RS), se há argumentos quantitativos para distinguir uma regra da outra, ou seja, se há diferenças no grau de aplicação das duas regras. Para tanto, partimos de resultados de análises quantitativas realizadas nos moldes labovianos, com o programa VARBRUL e comparamos os percentuais obtidos para os fenômenos de degeminação e de elisão, entre os quais, percentuais de aplicação/não-aplicação das regras e valores de input. A observação baseia-se no seguinte raciocínio: se o processo no contexto a#a for de degeminação, então seus resultados de aplicação/não-aplicação devem ser próximos aos da degeminação; por outro lado, se o processo no contexto a#a for de elisão, seus resultados devem ser próximos aos da elisão. Nosso estudo leva em conta: (1) a análise da degeminação com os contextos a#a; (2) análise da elisão sem os contextos a#a (assim como essas regras vêm sendo exploradas na literatura); (3) análise da degeminação sem os contextos a#a; (4) análise da elisão incluindo os contextos a#a; e (5) análise apenas dos contextos a#a. Os resultados obtidos nessas cinco análises trazem indícios para confirmarmos o tratamento dado por outros autores que já estudaram o

fenômeno de que a#a é um processo de degeminação, pois os valores encontrados para os contextos a#a se aproximam muito mais dos resultados obtidos para a degeminação do que para elisão. O trabalho encerra-se com uma discussão das conseqüências dessa observação para questões como a do ordenamento entre regras e a determinação do papel relativo de restrições.

VARIAÇÃO FONOLÓGICA EM VERBOS COM TERMINAÇÕES EM *–EAR* (*CHATEAR*) E *–IAR* (*VARIAR*)

Thaïs Cristófaro Silva
Carlo Sandro Campos
UFMG

Neste trabalho analisamos a variação entre vogais médias e altas relacionada com formas verbais com terminações infinitivas em *–ear* (*chantagear*, *chatear*) e *–iar* (*variar*, *acariciar*). Verbos em –ear apresentam tipicamente vogais médias fechadas nas formas rizotônicas: *chantag*[e]*ia*, *chantag*[e]i*o*, mas podem, eventualmente, ter tais vogais abertas ou, freqüentemente, alçadas: *chantag*[i]*a*, *chantag*[i]o. Verbos em –iar apresentam tipicamente vogais altas nas formas rizotônicas: *amac*[i]*a*, *amac*[i]*o*, mas podem, eventualmente, ter tais vogais como médias, ditongadas ou não: *amac*[e]i*a*, *amac*[e]i*o*. Neste trabalho analisamos dados de trinta e dois informantes de Belo Horizonte, considerando fatores como sexo, idade e escolaridade dos participantes. Para a análise dos dados foi utilizado o programa de análise estatística Goldvarb2001[1] (ROBINSON, LAWRENCE e TAGLIAMONTE, 2001). Nossos dados mostram que a generalização ou "confusão" pelos falantes com os padrões fonotáticos dos verbos com terminação infinitiva em *-ear* e *-iar* ocorre dos verbos com terminação em *-iar* para os verbos com terminação em *–ear*, como em *amac*[ˈiə] > *amac*[ˈejə], ou dos verbos com terminação em *–ear* para os verbos com terminação em *–iar*, como em *chantag*[ˈejʊ] >*chantag*[ˈiʊ]. De acordo com Said Ali (1966: 138) a flexão dos verbos da primeira conjugação com terminações infinitivas em *–ear* e *–iar* no presente do indicativo singular provoca, há muito tempo, confusões entre os falantes sobre sua pronúncia, como mencionamos acima. Sugerimos que tal confusão ocorre por pelo menos dois motivos: 1) a forma fonética de ambas as terminações verbais com *–ear* e *–iar* são idênticas, mas ortograficamente diferentes: *-ear* e *-iar* = [iˈa]r; 2) cinco verbos com terminação em *–iar* são flexionados no presente do indicativo singular como os verbos com terminação em *–ear*: *ansiar*, *incendiar*, *odiar*, *mediar* e *remediar*: *ans*[ej]*o*, *incend*[ej]o, *od*[ej]o, *med*[ej]o e *remed*[ej]*o*. Demonstra-se neste trabalho que esses dois fatores contribuiem para a variação que ocorre na flexão desses dois grupos de verbos: *–ear* e em *–iar*. Mostraremos que como os verbos com terminação infinitiva em *-ear* e *-iar* têm freqüências de tipo altas, falantes generalizam seus padrões fonotáticos uns pelos outros, e não pelo padrão fonotático dos verbos regulares. Portanto, embora a variação nestes casos pareça ser aleatória ou que possa estar relacionada a um fenômeno de analogia ou de generalização de padrões fonotáticos de dois grupos de verbos distintos do português o que de fato ocorre, como demonstraremos, é que efeitos de freqüência lexical atuam como motores desta variação.

[1] Disponível em: http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/

11:30 – 12:30	Conferência 2

AS VOGAIS: PERSPECTIVAS ANALÍTICAS E TEÓRICAS

Gregory R. Guy
New York University

As vogais e os sistemas vocálicos das línguas humanas são o objeto de análises e propostas teóricas provenientes de muitos ramos das ciências linguísticas. Da fonética vêm análises acústicas, que identificam o conteúdo sonoro das vogais (formantes e aspectos temporais), e descrições da organização articulatória dos sistemas vocálicos. Da fonologia vêm propostas para sistematizar os contrastes fonêmicos com base em traços e oposições e modelos formais para explicar o comportamento vocálico em processos de alternância e em contextos métricos distintos. Na tipologia encontramos generalizações sobre quais sistemas são mais comuns, mais marcados, mais estáveis etc. Na diacronia encontramos teorias que modelam os motivos e os mecanismos das mudanças vocálicas. Nesta conferência procuro examinar as contribuições principais destas perspectivas variadas dos estudos das vogais. Concluo com uma consideração da teoria de exemplares (Bybee 2001, Pierrehumbert 2006), e com as previsões desta teoria relevantes a certos processos de alternância e mudança nas vogais do português brasileiro.

Bybee, Joan (2001). Phonology and Language Use. Cambridge: Cambridge University Press.
Pierrehumbert, Janet (2006) The next toolkit. Journal of Phonetics 34:516-530.